



UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOM BOSCO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LEANDRO VICTOR SILVA BRANDÃO

REQUALIFICAÇÃO URBANA DA PRAÇA DO JARDIM, EM PEDREIRAS-MA.

São Luís - MA

2020

LEANDRO VICTOR SILVA BRANDÃO

REQUALIFICAÇÃO URBANA DA PRAÇA DO JARDIM, EM PEDREIRAS-MA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Dom Bosco (UNDB), como requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.º Me. Márcio Rodrigo da Silva Pereira.

São Luís - MA

2020

LEANDRO VICTOR SILVA BRANDÃO

REQUALIFICAÇÃO URBANA DA PRAÇA DO JARDIM, EM PEDREIRAS - MA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Dom Bosco (UNDB), como requisito para obtenção do grau de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof.º Me. Márcio Rodrigo da Silva Pereira.

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcio Rodrigo da Silva Pereira (Orientador)
Centro Universitário Dom Bosco - UNDB

Me. Julyana da Silva Lima
Centro Universitário Dom Bosco – UNDB

Me. Claudiceia Silva Mendes
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Brandão, Leandro Victor Silva

Requalificação Urbana da Praça do Jardim, em Pedreiras-
MA. / Leandro Victor Silva Brandão. __ São Luís, 2020.
105 f.

Orientador: Prof. Me. Márcio Rodrigo da Silva Pereira.

Monografia (Graduação em Arquitetura) - Curso de
Arquitetura– Centro Universitário Unidade de Ensino Superior
Dom Bosco – UNDB, 2020.

I. Requalificação urbana. 2. Espaços públicos – Praças. 3.
Praça do Jardim – Pedreiras - MA. I. Título.

CDU 711.4

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que me deu oportunidade, força de vontade e coragem para superar todos os desafios.

À minha família, principalmente aos meus pais, Hilton e Irisvanda, por todo apoio, amor e incentivo que fizeram para que eu conseguisse realizar esse sonho. Obrigado aos meus queridos irmãos, Igor, Ticiane e Juliana, que sempre me deram apoio e carinho. Agradeço também aos meus tios, Arimatéa e Irenilde, que me acolheram em São Luís com muito amor e me deram bastante assistência no decorrer desses anos. Aos demais familiares que motivaram meu crescimento, vocês são muito especiais para mim e sem vocês eu não teria conseguido chegar até aqui, amo vocês.

Um agradecimento especial à minha saudosa avó Milza, que tanto ajudou na minha educação com seus ensinamentos, sendo fundamental para que esse sonho pudesse ser concretizado. Obrigado vó, eu te amo.

Agradeço à minha namorada Camila Vitória, que me acompanhou por toda essa jornada e sempre me apoiou e ajudou com muito carinho, principalmente nos momentos mais difíceis. Obrigado pela sua companhia e por ser tão especial, eu te amo.

Agradeço aos amigos que ganhei ao longo desse curso, em especial, meus parceiros de projeto Adão e Pedro, que sempre me ajudaram e estiveram comigo nos piores e melhores momentos dessa trajetória. Guardarei cada momento com vocês em meu coração.

Agradeço aos amigos Filemon Krause e ao saudoso poeta Samuel Barreto, que infelizmente veio a óbito durante essa jornada, os quais foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho, disponibilizando conhecimento e fontes de informações essenciais para a conclusão do mesmo.

Agradeço ao meu orientador Márcio Rodrigo, por toda a dedicação e apoio, pelos ensinamentos a mim passados, pelo auxílio e por acreditar em mim. Obrigado por tudo professor, você foi fundamental para essa conquista.

A todos que direta ou indiretamente me incentivaram e torceram para que eu alcançasse essa conquista. Muito obrigado!

“Planejamento urbano não garante a felicidade.
Mas mau planejamento urbano definitivamente
Impede a felicidade”

Jan Gehl

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver um estudo preliminar de requalificação urbana para a Praça do Jardim, localizada no município de Pedreiras – MA. A cidade possui poucas áreas públicas de lazer e as mesmas não atendem as necessidades e desejos da população de forma satisfatória. O estudo preliminar de requalificação urbana é uma proposta de valorização ao contexto histórico e cultural da cidade, que tem como finalidade o bem estar da sociedade, colaborando para a valorização do meio ambiente, da segurança e revitalização do espaço, tendo em vista, sobretudo, estimular a prática da cidadania. No entanto, o trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa exploratória, com abordagem quantitativa. Foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca de áreas públicas e requalificações urbanas. Além disso, foram aplicados questionários e entrevistas buscando compreender um pouco mais das práticas, necessidades e anseios da população pedreirense para com a praça. Espera-se que esse projeto possa contribuir para demonstrar a fundamental importância da existência de espaços públicos de lazer e com qualidade nas cidades, dando ênfase na Praça do Jardim, em Pedreiras - MA, que com a requalificação urbana poderia trazer benefícios diretos para o seu entorno, fortalecendo a funcionalidade do local e trazendo melhorias aos usuários.

Palavras- Chave: Requalificação Urbana. Espaços Públicos. Praças. Praça do Jardim. Pedreiras - MA.

ABSTRACT

This work has as general objective to develop a preliminary study of urban requalification for Praça do Jardim, located in Pedreiras - MA. The city has few public leisure areas and they do not satisfactorily meet the needs and desires of the population. The preliminary study of urban requalification is a proposal to enhance the historical and cultural context of the city, which aims at the well-being of society, contributing to the enhancement of the environment, safety and revitalization of space, with a view, above all, to encourage the practice of citizenship. However, the course conclusion work is an exploratory research, with a quantitative approach. Bibliographic research was carried out on public areas and urban requalifications. In addition, questionnaires and interviews were applied in order to understand a little more about the practices, needs and desires of the people of São Paulo towards the square. It is hoped that this project can contribute to demonstrate the fundamental importance of the existence of quality and leisure public spaces in the cities, with emphasis on Praça do Jardim, in Pedreiras - MA, which with the urban requalification could bring direct benefits to its surroundings, strengthening the functionality of the site and bringing improvements to users.

Keywords: Urban requalification. Public spaces. Squares. Garden Square. Quarries - MA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Ilustração da Ágora de Atenas (Grécia).....	19
Figura 2	Imagem do Parque Halfeld, no Centro de Juiz de Fora – MG.....	20
Figura 3	Imagem do Parque Passeio Público do Rio de Janeiro – RJ.....	21
Figura 4	Imagem da Praça de Casa Forte, projetada em 1934 por Roberto Burle Marx.	22
Figura 5	Imagem do Antigo Mercado Livre, transformado no Estacionamento do Movimento Assistencial de Porto Alegre – RS.....	24
Figura 6	Praça do Coubandê, em São Gonçalo – RJ.....	26
Figura 7	Localização da Praça Huerto San Augustin, em Quito (Equador).....	40
Figura 8	Planta da Plaza Huerto San Augustin.....	42
Figura 9	Fachada da Plaza Huerto San Augustin.....	42
Figura 10	Imagem da Plaza Huerto San Augustin.....	43
Figura 11	Localização da Praça das Colinas de Anhanguera, em Santana de Parnaíba – SP.....	44
Figura 12	Inserção da Praça das Colinas de Anhanguera no traçado urbano da cidade.....	45
Figura 13	Diagrama de Partido da Praça das Colinas de Anhanguera.....	45
Figura 14	Corte identificando palco elevado na Praça das Colinas de Anhanguera.....	46
Figura 15	Planta de Implantação da Praça das Colinas de Anhanguera.....	47
Figura 16	Marcação de Equipamentos utilizados na Praça das Colinas de Anhanguera.....	48
Figura 17	Diagrama de Permeabilidade da Praça das Colinas de Anhanguera.....	48
Figura 18	Planta de Iluminação da Praça das Colinas de Anhanguera.....	49
Figura 19	Perspectiva da Praça das Colinas de Anhanguera.....	49
Figura 20	Localização da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.....	50
Figura 21	Perspectiva 1 da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.....	51
Figura 22	Perspectiva 2 da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.....	51
Figura 23	Imagem da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.....	52
Figura 24	Entrada da cidade de Pedreiras – MA – 1968.....	53
Figura 25	“Pedra Grande” em Pedreiras, MA – 2016.....	54
Figura 26	Jardim de Infância Branca de Neve – 1968.....	55
Figura 27	Jardim de Infância Branca de Neve – 1992.....	55
Figura 28	Praça do Jardim na atualidade – 2020.....	56
Figura 29	Localização do município de Pedreiras e da área urbana consolidada.....	57
Figura 30	Localização do município de Pedreiras e da área urbana consolidada.....	57
Figura 31	Localização da praça do jardim e seu entorno.....	57
Figura 32	Praça do Jardim, em Pedreiras – MA.....	58

Figura 33	Praça do Jardim, em Pedreiras – MA.....	58
Figura 34	Praça do Jardim, em Pedreiras – MA.....	58
Figura 35	Praça do Jardim, em Pedreiras – MA.....	58
Figura 36	Área de abrangência para estudo.....	60
Figura 37	Mapa de Uso e Ocupação do Solo.....	61
Figura 38	Mapa de Hierarquia Viária.....	62
Figura 39	Mapa de fluxos de veículos.....	62
Figura 40	Estudo de Sombras (fevereiro).....	63
Figura 41	Estudo de Sombras (junho)	64
Figura 42	Estudo de Sombras (novembro)	64
Figura 43	Lixeira na Praça do Jardim.....	67
Figura 44	Marcação das árvores existentes na Praça do Jardim.....	67
Figura 45	Canteiros de vegetação arruinados na Praça do Jardim.....	68
Figura 46	Setorização.....	77
Figura 47	Planta de Implantação.....	82
Figura 48	Planta de Paginação do Piso.....	83
Figura 49	Grama Bermuda.....	84
Figura 50	Piso Tátil.....	84
Figura 51	Mapa Tátil.....	84
Figura 52	Corte Esquemático AA.....	85
Figura 53	Corte Esquemático BB.....	85
Figura 54	Planta de Arborização/Vegetação.....	86
Figura 55	Chapéu-de-Sol (<i>Terminalia Catappa</i>)	86
Figura 56	Cássia do Nordeste (<i>Cassia Macranthera</i>)	86
Figura 57	Palmeira Fênix (<i>Phoenix Dactylifera</i>)	87
Figura 58	Arbustos Pingo de Ouro (<i>Duranta Repens 'Aurea'</i>)	87
Figura 59	Vegetação nas margens do Rio Mearim.....	87
Figura 60	Planta de Iluminação.....	88
Figura 61	Lixeira Seletiva.....	89
Figura 62	Mesa Fixa com Ombrelone.....	90
Figura 63	Banco Principal (Modelo I)	90
Figura 64	Banco Curvo Extenso (Modelo II)	91
Figura 65	Banco Circular (Modelo III)	91
Figura 66	Bebedouro.....	92
Figura 67	Bicicletário.....	92
Figura 68	Academia ao Ar Livre.....	93
Figura 69	Brinquedos do Playground.....	93
Figura 70	Perspectiva I – Praça do Jardim.....	94
Figura 71	Perspectiva II – Praça do Jardim.....	94
Figura 72	Perspectiva III – Praça do Jardim.....	95

Figura 73	Perspectiva IV – Praça do Jardim.....	95
Figura 74	Perspectiva V – Praça do Jardim.....	96
Figura 75	Perspectiva VI – Praça do Jardim.....	96
Figura 76	Perspectiva VII – Praça do Jardim.....	97
Figura 77	Perspectiva VIII – Praça do Jardim.....	97
Figura 78	Perspectiva IX – Praça do Jardim.....	98
Figura 79	Perspectiva X – Praça do Jardim.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Etapas do urbanismo estratégico.....	39
Quadro 02	Potencialidades, problemáticas e atuais usos da Praça do Jardim.....	59
Quadro 03	Dados técnicos da Praça do Jardim.....	65
Quadro 04	Programa de Necessidades.	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Gênero dos entrevistados.....	69
Gráfico 02	Idade dos entrevistados.....	70
Gráfico 03	Grau de Escolaridade dos entrevistados.....	70
Gráfico 04	Quantidade de pessoas que moram com os entrevistados.....	71
Gráfico 05	Renda Familiar dos entrevistados.....	71
Gráfico 06	Tempo de moradia dos entrevistados na cidade de Pedreiras.....	72
Gráfico 07	Frequência dos entrevistados à praça.....	72
Gráfico 08	Importância da praça aos entrevistados.....	73
Gráfico 09	Importância benéfica da praça para a cidade, em relação aos entrevistados.....	73
Gráfico 10	Atividades/ações praticadas na praça pelos entrevistados.....	74
Gráfico 11	Tipos de atividades físicas praticadas na praça pelos entrevistados.....	75
Gráfico 12	Grau de satisfação com o lazer na cidade pelos entrevistados.....	75
Gráfico 13	O que falta na praça de acordo com os entrevistados.....	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 ESPAÇOS PÚBLICOS E PRAÇAS	18
2.1 Perspectiva Histórica	18
2.2 As Praças da Atualidade	23
2.3 Interação com a malha urbana	26
3 REQUALIFICAÇÃO URBANA	30
3.1 Renovação, Revitalização, Reabilitação e Requalificação: Conhecendo os Conceitos	30
3.2 Aspectos Projetuais de Requalificação Urbana	35
4 ESTUDO DE CASOS	40
4.1 Plaza Huerto San Agustín	40
4.2 Praça Colinas de Anhanguera, em Santana de Parnaíba – SP	43
4.3 Praça da Lagoa da Jansen, em São Luís – MA	50
5 ANÁLISE E DIAGNÓSTICO DO ENTORNO	53
5.1 Breve histórico do município de Pedreiras e da Praça do Jardim	53
5.2 Delimitação do Entorno	56
5.3 Área de Estudo	59
5.4 Diagnóstico da Praça do Jardim	65
5.5 Programa de Necessidades	69
5.6 Identificação da Legislação Pertinente	79
6 ESTUDO PRELIMINAR	80
6.1 Conceito	80
6.2 Implantação Geral	81
6.3 Paginação do Piso	82
6.4 Cortes Esquemáticos	85
6.5 Planta de arborização/vegetação	85
6.6 Planta de iluminação	88

6.7 Mobiliários Urbanos	89
6.8 Perspectivas	94
7 CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE.....	105

1 INTRODUÇÃO

As praças como espaços públicos, exercem funções essenciais no espaço urbano, entre elas a integração da sociedade e a melhoria da qualidade ambiental. Os benefícios de um bom planejamento das áreas verdes estão baseados nas contribuições para a melhoria das características estéticas e ambientais do espaço urbano, reduzindo os impactos à população e ao meio ambiente, em consequência desse desenvolvimento. Além disso, oferecem minimização dos problemas das cidades trazendo benefícios para seus habitantes, como a aproximação do ser humano com a natureza, os atributos estéticos proporcionados por elas, as necessidades de lazer e de recreação. Ao longo dos anos os espaços públicos sofreram diversas transformações, já exercendo função de local comercial e político, até chegar na sua forma atual servindo como ambiente de convivência e exposição sociocultural. A praça enquanto representante do espaço público também passou por diversas modificações e, atualmente, uma das principais preocupações no meio ambiental é recuperar e garantir o espaço dos cidadãos, sendo a requalificação uma forma de manter o uso ativo nessas áreas.

Partindo desses conceitos, o projeto de requalificação urbana da Praça do Jardim no município de Pedreiras – MA é uma proposta de valorização ao contexto histórico e cultural da cidade, que tem como finalidade o bem estar da sociedade, colaborando para a valorização do meio ambiente, da segurança e revitalização do espaço, tendo em vista, sobretudo, estimular a prática da cidadania.

A praça necessita de melhorias no sistema de infraestrutura urbana, de segurança pública, de áreas destinadas a prática de esportes, de acessibilidade, de estacionamentos, de banheiros públicos, local para apresentações culturais, necessidade de estruturas de sombreamento, entre outros. Considerando essa problemática, o trabalho de conclusão de curso apresenta a seguinte questão: como a requalificação urbana na Praça do Jardim poderá trazer benefícios para o seu entorno, bem como propor novos usos, fortalecendo a funcionalidade do local e trazendo benefícios diretos aos usuários?

A Praça do Jardim tem grande valor histórico e cultural para os moradores e também para o autor deste trabalho que, por diversas vezes, utilizou a praça para a

prática de lazer e diversão durante sua infância, mas atualmente observa-se que essas atividades estão sendo extintas devido às péssimas condições ambientais do local. Vale ressaltar que a Praça do Jardim, mesmo em estado de degradação, é frequentemente utilizada e, portanto, um projeto de requalificação urbana para este local será de fundamental importância, pois será possível estabelecer benefícios para o seu entorno, propor novos usos, fortalecer a funcionalidade do local e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida da população.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é elaborar um estudo preliminar de requalificação urbana da Praça do Jardim, no município de Pedreiras-MA. Além disso, objetiva-se de maneira específica, descrever sobre: contexto histórico, classificação e usos de espaços públicos, interação com a malha urbana, aspectos projetuais e construtivos de requalificações urbanas.

No primeiro capítulo foram abordadas algumas informações fundamentais sobre espaços públicos e praças, tais como: conceitos, perspectiva histórica, a situação das praças da atualidade, e a interação desses espaços com a malha urbana das cidades. No segundo capítulo foram realizadas pesquisas para a compreensão em relação ao conceito de requalificação urbana; a diferenciação entre os termos: renovação, revitalização, reabilitação e requalificação; e foram debatidos aspectos projetuais de requalificação urbana. No terceiro capítulo foi realizada uma análise de similares no intuito de obter melhor compreensão e entendimento em relação ao tema retratado, além de utilizá-los como referências para a elaboração deste projeto. O quarto capítulo foi voltado para desenvolver uma análise e diagnóstico do entorno, onde foi realizada uma delimitação da área abordada e contextualização histórica e legal do Município de Pedreiras – MA. No quinto capítulo foi desenvolvida a análise de dados, onde foram produzidos mapas de hierarquia viária, uso e ocupação do solo, marcação das árvores existentes, estudo de sombras, entre outros, que serão de grande importância para auxiliar no desenvolvimento do projeto de requalificação urbana da praça. Já o sexto capítulo contará com o projeto, contendo o conceito e diretrizes projetuais elaboradas para a sua concepção, além do programa de necessidades, setorização, implantação, área de intervenção, cortes esquemáticos, mapas, proposta de requalificação, planta baixa dos quiosques e banheiros, e perspectivas do projeto.

Por fim, acredita-se que: a introdução de novos tipos de mobiliários; a recuperação dos sistemas de infraestrutura urbana; a implantação de estacionamentos, banheiros públicos, estruturas de sombreamento, local para apresentações e manifestações culturais, realização de práticas esportivas, entre outros; serão eficazes para o bom funcionamento da praça. Além disso, considerando-se que a requalificação proposta e a oferta de diversidade de usos transformarão a praça num lugar de vivência, encontro, relação, interação e lazer, e os usuários poderão somar atributos e identidade para esse local.

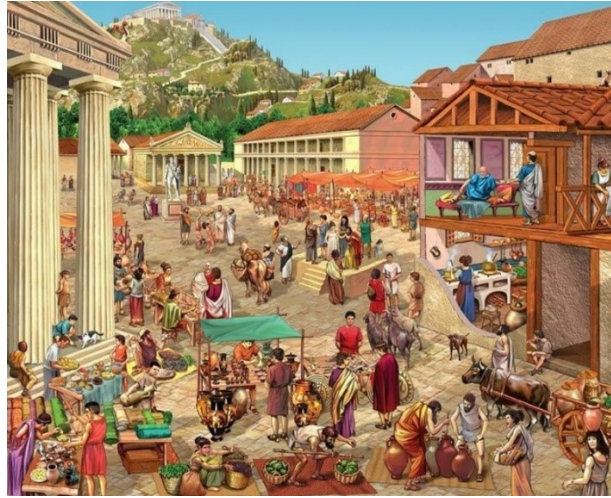
2 ESPAÇOS PÚBLICOS E PRAÇAS

2.1 Perspectiva Histórica

Compreender o contexto histórico dos espaços públicos é de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho. Em tese, seu surgimento ocorreu nas cidades gregas e romanas, que tinham seus palácios rodeados por jardins ornamentais de inspiração persa ou egípcia. Configuravam-se em áreas particulares e restritas fortemente marcada pela presença da água, com a função de minimizar a alta temperatura típica daquele local. No entanto, foi na Grécia que pela primeira vez os espaços livres se tornaram públicos e acessíveis à comunidade (TOLEDO e SANTOS, 2012).

Com a evolução da democracia nas cidades-estado na Grécia Antiga, apareceram novos elementos urbanísticos que provocaram uma maior participação do povo nos assuntos de interesse comum. Além de templos, surgiram nas cidades gregas outros edifícios voltados para a população e ao exercício da democracia (TOLEDO; SANTOS, 2012). Estas construções geralmente estavam dispostas no entorno da Ágora, uma espécie de praça pública onde inicialmente funcionava o mercado, mas que depois passou a assumir o papel de centro político e religioso da cidade, reconhecido como local de liberdade e igualdade, de uso comum, onde se realizavam cultos aos deuses e discutiam questões políticas (Figura 1).

Figura 01– Ilustração da Ágora de Atenas (Grécia)



Fonte: <https://jwitness-forum.proboards.com/thread/418/athens-second-missionary-journey?page=2>

Para Lamas (2004), as praças nas cidades medievais ainda não são entendidas por ele como verdadeiras, pois não exibem um desenho característico, sendo apenas consequência de um vazio na malha urbana, ocorrendo somente na Idade Média, o esboço do conceito de praça europeia, se inserindo por definitivo na composição urbana a partir do Renascimento.

Até então, esses locais voltados para atividades políticas e religiosas não eram chamados de “espaços públicos”. Essa expressão surge na França, por volta de 1970, e conhecerá um êxito crescente, fruto, em parte, de uma nova abordagem da cidade em que se passa a valorizar a requalificação em vez da reabilitação (ASCHER, 1998). De qualquer forma, um espaço público é por natureza mais aberto e a primeira função que o distingue do espaço privado é a facilidade de acesso. O espaço público é de todos, em princípio, todos o podem usar com os mesmos direitos.

Segawa (1996) fala que os espaços públicos aparecem nas cidades europeias simultaneamente ao surgimento dos primeiros espaços ajardinados na América a partir do século XVI. Trata-se de uma peculiar forma de urbanização e consolidação dos espaços urbanos, contemporânea ao estabelecimento da ciência moderna e ao surgimento de uma nova sensibilidade, um olhar distinto apreciando a paisagem à luz da redefinição das relações entre o homem e natureza.

No Brasil, a presença de praças e largos vem de muito tempo atrás, aludindo aos primeiros séculos da colonização. Nesses espaços voltavam as atenções principais dos administradores, pois formavam pontos de atenção e focalização urbanística, localizando-se ao redor da arquitetura de maior apuro, já que eram pontos de concentração da população (REIS FILHO, 1968).

Já Robba e Macedo (2010) afirmam que a morfologia das cidades coloniais brasileiras, foram iniciadas por uma capela e seus casarios anexos, originando os primeiros espaços públicos livres, os largos deixados à frente das igrejas e templos, permitiram a composição da praça. “Era ali que a população da cidade colonial manifestava sua territorialidade, os fiéis demonstravam sua fé, os poderosos, seu poder, e os pobres, sua pobreza” (ROBBA E MACEDO, 2010, p. 22).

Murilo Marx (1980) também afirma que as praças surgiram sobretudo a partir dos pátios das igrejas, conventos ou congregações religiosas que tinham como principal finalidade a reunião de pessoas e a práticas de diversos outros exercícios. O autor também aborda que além das praças dos adros das igrejas, apareceram as praças cívicas, que surgem diante dos edifícios públicos de grande importância, como câmaras municipais ou sedes do governo, mas são poucas existentes no Brasil, e as praças militares onde realizavam as reuniões das tropas e os desfiles (Figura 2).

Figura 02– Imagem do Parque Halfeld, no Centro de Juiz de Fora - MG



Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/juiz-de-fora-168-anos-fotos-antigas-resgatam-historias-patrimonios-e-memorias-do-parque-halfeld.ghtml>

A aparição dos espaços urbanos teve uma relação direta com os jardins particulares e, a evolução destes, gerou tipologias de cunho público. Os conceitos desenvolvidos ao longo do tempo pela perspectiva histórica, funcional e intencional desses espaços, condizem com as necessidades, os valores, as crenças e as técnicas de cada sociedade (TOLEDO; SANTOS, 2012).

Um dos jardins públicos pioneiros no Brasil foi o Passeio Público do Rio de Janeiro (Figura 3). Por ordem do vice-rei D. Luís de Vasconcelos, suas obras iniciaram em 1779 por Valentim da Fonseca e Silva - Mestre Valentim - (SEGAWA, 1996). Com o decorrer do tempo o papel exercido pelos espaços verdes nas cidades tem sido uma consequência das necessidades experimentadas de cada momento, ao mesmo tempo em que é um reflexo dos gostos e costumes da sociedade.

Figura 03– Imagem do Parque Passeio Público do Rio de Janeiro - RJ.



Fonte: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=7080>

No caso das praças, para chegar em sua forma atual, surgiram no contexto da Revolução Industrial. De acordo com Niemeyer (2002), no século XVIII, quando as cidades evoluíam num ritmo fabril, sem que tivesse preocupação alguma com a salubridade, com as longas temporadas de trabalho, com a saúde do proletariado e com a poluição, razões pelas quais as cidades foram se tornando cada vez mais cinzentas. É, neste contexto, que começam as buscas por redução das longas jornadas e a luta por tempo livre. Esse tempo, que era visto pelas instituições religiosas e policiais como ocioso e maléfico para a ordem pública, passou a ser valorizado e importante para a melhor produção industrial e, pela primeira vez, o lazer passou a aparecer relacionado a espaços públicos, como parques e praças. Esses

espaços, que funcionavam como um refúgio da vida frenética da cidade passou a funcionar não só como uma conquista do proletariado, mas como uma solução para se atingir salubridade nas cidades, razão pela qual o parque e as áreas verdes passam não só a ser local das elites, mas de toda a sociedade (NIEMEYER, 2002).

O lazer, que até então não estava associado à função das praças, é apontado por Robba e Macedo (2010), como um dos pontos fundamentais propostos pelo urbanismo moderno, envolvendo principalmente as práticas infantis e esportivas, sendo nomeado lazer ativo, que integra as quadras e elementos recreativos, bem como o desenho paisagístico, tendo como grande personagem no Brasil o artista plástico Robert Burle Marx (Figura 04).

Figura 04– Praça de Casa Forte, projetada em 1934 por Roberto Burle Marx.



Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/07/recife-comemora-111-anos-de-roberto-burle-marx-e-a-influencia-de-seus.html>

De acordo com Marx (1980), as praças são peças fundamentais no âmbito urbano da cidade, seja como um marco histórico ou no convívio e interação social, e desde os primórdios, já serviam como locais de encontro, reuniões, lazer e comércio.

Robba e Macedo (2010, p. 17) afirmam que as “praças são espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. Dessa forma, para que as praças tenham perfil de interação social, é necessário que sejam introduzidos equipamentos e elementos que promovam novos usos e atividades de socialização, proporcionando a convivência e aumento de eventuais programas, ações, manifestações artísticas e culturais.

Robba e Macedo (2010) também apontam que a circulação de pedestre é um atributo das praças modernas, como uma maneira de usufruir do espaço público, transformando-se em locais de harmonia e de organização do fluxo de pedestres, que tem crescido bastante nas grandes cidades.

Esses fatos não necessariamente existem em todas as praças da modernidade, elas podem manifestar juntas ou em outros espaços com usos específicos e até mesmo áreas flexíveis, sem o uso de normas ou regras, como aponta Robba e Macedo (2010, p.151):

“Assim, desenvolvem-se diferentes formas de programas, combinado a várias funções dos espaços, sem restringir-se a regras absolutas ou predeterminações [...] [sem] “[...] determinação impositiva de um uso, sendo comuns os espaços multifuncionais e adaptáveis, que podem ser utilizados de vários modos.”

No entanto, é possível observar que as funções sociais das praças brasileiras e as individualidades modernas usadas pelos arquitetos e paisagistas, como a livre forma de expressão e introdução do programa de atividades existentes em cada praça, a união e envolvimento dos usos que tinham sido desagregados e ignorados pelas situações urbanas e a falta de normas, que possibilitem a autonomia na combinação de funções e inserção de elementos únicos.

2.2 As Praças da Atualidade

A praça da cidade moderna, de acordo com Sitte (1889), se transformaria no vazio desfeito na imensidão urbana, em meio ao ruído dos automóveis e do intenso tráfego de pedestres e de veículos. À decadência da praça, como espaço de representação pública, corresponderia ao fenômeno, definido por Sennet (1998), como enfraquecimento da “res pública” e de recolhimento da população para os locais fechados em busca de um ambiente mais seguro e tranquilo.

O surgimento do automóvel na Revolução Industrial intensificou as modificações na malha urbana das cidades, que impulsionou ainda mais a individualidade, criando também um maior distanciamento entre o meio urbano e a população, já que o uso do veículo particular foi prioridade durante o período de urbanização, com a construção de estradas, pontes e sinalizações, tornando o

pedestre apenas uma segunda alternativa. Assim, os espaços urbanos se tornaram cada vez menos utilizados e a relação interpessoal que deveria ser promovida, passa a ser extinta por causa das áreas destinadas a circulação dos transportes individuais (CUNHA, LYRA e SANTANA, 2016). Logo, observa-se que a cidade se torna um espaço vazio e monótono, sem locais de refúgio para lazer ou monumentos de tranquilidade e, como consequência, com poucos atrativos para a vivência e interação social.

De acordo com Gehl e Gemzoe (2002), os novos padrões de circulação, comércio e de comunicação foram tão intensos que conseguiram interromper séculos de tradição da praça pública urbana. A evolução urbana mudou, a população aumentou, as cidades cresceram e a mobilidade urbana passou a ser uma das principais necessidades do homem moderno e contemporâneo.

Dessa forma, Goitia (2006) afirma que as praças arborizadas foram substituídas por parques de estacionamento, ou seja, os locais que serviam como pulmões para purificar o ar na luta contra a poluição de gases nocivos foram sacrificados para a instalação de espaços que nada mais são do que uma solução momentânea e fraca (Figura 05).

Figura 05– Antigo Mercado Livre, transformado no Estacionamento do Movimento Assistencial de Porto Alegre – RS.



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2019/08/a-transformacao-de-espacos-publicos-em-estacionamentos-no-centro-de-porto-alegre-cjzbrf8ak02it01paq6lui7tp.html>

Para Gehl (2013), as cidades se transformaram em espaços limitados, com vários obstáculos, ruídos, poluição, riscos de acidentes e condições precárias, na qual

as funções social e cultural simplesmente foram descartadas. Esse cenário se agrava ainda mais no século XX, pois segundo Gehl (2013, p. 4) “Os modernistas rejeitaram a cidade e os espaços da cidade, mudando seu foco para construções individuais”, conseqüentemente, as praças foram sendo esquecidas e os encontros sociais foram deixados de lado.

Na modernidade, “o espaço público volta a ser palco de atividades como comércio e serviços, lembrando a tradição do largo colonial (...) e que as políticas sanitárias do final do século XIX baniram da praça ajardinada” (ROBBA e MACEDO, 2010, p. 41), incluindo lanchonetes, lojas e órgãos públicos, na tentativa de retornar o incentivo pela contemplação do local por parte do usuário. Dessa forma, os autores afirmam que também foram introduzidos locais de passagem, para atender o fluxo intenso de pedestres.

Para Scocuglia (2012), é possível observar que, na cidade contemporânea as praças são capazes de manifestar características distintas de acordo com o lugar em que está inserida, seja um pequeno espaço residencial, para práticas esportivas, interação dos usuários e/ou lazer contemplativo ou até mesmo em grandes espaços centrais, auxiliando na melhoria das condições ambientais e guiando o fluxos de pedestres.

A realidade das praças contemporâneas se aproxima do programa de práticas da cidade moderna, de acordo com Robba e Macedo (2010), compreendendo o lazer contemplativo e ativo, os locais de convívio, o serviço e o uso comercial, que tinham sido extintos, bem como ferramentas da área alimentícia, para atrair a população a contemplar o espaço ao ar livre.

Atualmente a grande problemática baseia-se na ausência de equipamentos de lazer e recreação adequados, causando riscos de decadência devido à falta de usuários em grande parte de sua extensão. Além disso, as praças apresentam pontos ociosos, pela vegetação e iluminação inadequada, sem grande permanência e, conseqüentemente, sem aproveitamento, tornando-se locais de passagem (Figura 06).

Figura 06– Praça do Coubandê, em São Gonçalo – RJ.



Fonte: <https://www.osaogoncalo.com.br/geral/63239/pracas-abandonadas-causam-medo-e-trazem-perigo-para-moradores-de-sg>.

Por fim, ao serem observados esses problemas de esvaziamentos das praças pela população, aumenta cada vez mais a preocupação no ramo científico e ambiental nos dias atuais. A partir de estratégias de intervenção e requalificação, busca-se a retomada da vocação de espaço coletivo das praças, assumindo seu papel de principal espaço da cidade.

2.3 Interação com a malha urbana

Segundo Ferrari (2004, p. 263), a malha urbana representa “a planta da cidade, em escala ou não, significativamente representada pelo seu sistema viário e os espaços delimitados pelas vias. Os traçados, segundo sua origem, podem ser espontâneos ou naturais e planejados”. No entanto, a malha urbana de uma região influencia desde o tráfego de automóveis até o aproveitamento do solo no local, visto que ele compõe percursos mais distantes, ou mais curtos; e determina os quarteirões através de ruas e avenidas.

Se falando de espaços públicos, eles podem ser definidos por aqueles de acesso popular, no qual as pessoas praticam exercícios individuais ou em grupos (LYNCH, 1997) e que podem ter diversas formas e atribuir vários nomes tais como rua, praça, parque, largo, playground, jardim público, entre outros, mas sempre com funções semelhantes.

Os espaços públicos são capazes de organizar a malha urbana, possibilitam a mobilidade para circulação, permanência e lazer da população e correspondem com a localização e distribuição de instalações e equipamentos de apoio aos serviços urbanos (ALBERNAZ, 2007).

De acordo com Gehl e Gemzoe (2002), os espaços públicos das cidades sempre foram um local de encontro e reunião das pessoas, um lugar de troca de informações sobre a sociedade e também local de eventos importantes como, coroações, procissões, festas e festivais. Os padrões de uso dos espaços públicos alternaram no decorrer do tempo e por mais que tivessem essas diferenças sutis, os espaços públicos sempre apareceram como lugar de encontro, circulação e comércio.

Já o conceito de praça, discutido por alguns autores como José Lamas (2004), Fábio Robba e Silvio Macedo (2010) e Murilo Marx (1980), apontam o espaço público como componente pertencente a malha urbana, destinado ao encontro, vivência e permanência da população, bem como lugar de expressão das ações sociais e livres de edificação. Com a evolução das cidades, Robba e Macedo (2010) afirmam que a praça teve sua função modificada no contexto urbano, permanecendo interiormente com seus atributos sociais, como sua principal qualidade, estando comumente associada no Brasil a áreas arborizadas.

Segundo Lamas (2004), a revolução industrial provocou as primeiras importantes modificações na malha urbana das cidades, surgindo os afastamentos das ruas, quarteirões e praças das cidades tradicionais, à procura de novas tipologias de organização urbana. A cidade precisava de adequações, com ruas mais largas e arborizadas, em conformidade com Robba e Macedo (2010), uma vez que os centros urbanos brasileiros evoluem excessivamente e novos meios de transportes são implantados.

Para Toledo e Santos (2002, p.164), “todas as cidades dispõem de lugares públicos que correspondem à imagem da cidade e de sua sociabilidade”, ou seja, espaço público urbano pode ser compreendido como um espaço fundamental de integração, expressão e individualidade dentro de uma pluralidade. Os espaços públicos buscam formar instrumentos territoriais para a construção da cidadania.

Socialmente, estão no meio dos vínculos contratuais que regem o convívio e a interação daqueles que não possuem demais laços de união além da sua

igualdade enquanto cidadãos. Dessa forma, os espaços públicos se transformam, frequentemente, no local da novidade, do inesperado, o lugar onde se dá o social também como espetáculo que possibilita aos indivíduos admitirem identidades, realizar determinados papéis e, até certo ponto, definir os enredos dos quais visam participar (SANTOS; VOGEL, 1985).

Outro ponto relevante em relação aos espaços públicos diz respeito à visibilidade. O crescimento da visibilidade pode aumentar o caráter público do espaço, o que lhes confere um certo parentesco com os espaços do espetáculo (ASCHER, 1998). O espaço público tem uma função e esta demanda um uso, a natureza do espaço público está na forma como este é utilizado pelos frequentadores sociais, ou seja, das práticas que possa receber. Este uso já não se faz só em função das dimensões objetivas dos indivíduos, isto é, idade, gênero, habilitações, classe social, estilo de vida, entre outros, mas cada vez mais incorporam outros aspectos mais subjetivos, como as motivações, as aspirações e os valores dos indivíduos. A dimensão simbólica, ganha mais força, os espaços passam a ser utilizados também pela sua imagem, qualidade e conforto.

No entanto, o enorme incremento dos meios de comunicação à distância (o correio eletrônico, os grupos de discussão na internet, a televisão por cabo, etc.) introduz, também, uma quebra no nexos tradicional entre espaço público e trocas de comunicação e informação. O espaço público continua a existir, mas assume cada vez mais um papel funcional, as trocas de informação fazem-se através das ligações em rede, sem contato físico entre os interlocutores (MELA, 1999, p.151).

De acordo com Robba e Macedo (2010), no século XIX, as cidades passaram por um período de embelezamento na qual muitas edificações das áreas centrais foram demolidas e os moradores passaram a habitar nas periferias, dando lugar a praça ajardinada, uma nova tipologia que modifica a função de praças na malha urbana, se transformando em locais de contemplação e descanso.

Os novos desafios globais salientam a importância da preocupação focada na dimensão humana. Pela primeira vez, após a virada do milênio, a maior parte da população global é urbana e não rural, fazendo com que as cidades – tanto as existentes como as novas – tenham que adaptar seu espaço e fazer mudanças cruciais em seu planejamento e suas prioridades no espaço urbano. Gehl (2013, p. 6)

afirma que se deve destacar “como objetivo-chave para o futuro, um maior foco sobre as necessidades das pessoas”. A dimensão humana nas cidades é fundamental para um novo modo de planejamento.

De acordo com Gehl (2013), o ponto primordial ao projetar cidades para pessoas, logo, é a mobilidade e os sentidos humanos. A escala humana necessita de ambientes, mobiliário e elementos urbanos voltados para a utilização confortável pelas pessoas, como também a forma com que as pessoas compreendem o ambiente urbano. Cogita trabalhar com pedestres, gerando bons espaços para eles ao levar em consideração as possibilidades e limitações do corpo humano, e “independentemente de ideologias de planejamento ou condições econômicas, a gestão cuidadosa da dimensão humana em todos os tipos de cidades e áreas urbanas deve ser um requisito universal” (GEHL, 2013, p. 118).

Perceber a vida no espaço urbano deduz entender os princípios que fundamentam os comportamentos nas cidades, no entanto, destaca Gehl (2013) que a vida na cidade e consideração pelas pessoas no espaço urbano devem ter um papel-chave no planejamento urbano, sendo um requisito universal para os processos de planejamento e para atender aos desafios do século XXI. Jacobs (2011, p. 263) ressalta que as cidades são espaços dinâmicos, que estabeleceram solo fértil para os planos de seus habitantes, tendo “capacidade de oferecer algo a todos, mas só porque e quando são criadas por todos”. As cidades demandam ser a interação entre forma e vida e um modelo de desenvolvimento urbano só é eficiente se contempla essa condição.

3 REQUALIFICAÇÃO URBANA

3.1 Renovação, Revitalização, Reabilitação e Requalificação: Conhecendo os Conceitos

Ao falar de intervenções urbanas o uso correto das terminologias não pode ser utilizado de forma indiscriminada. É necessário o entendimento de forma clara e objetiva sobre o significado de cada uma delas. Portas (1998, p. 94), para distinguir a intervenção retratada de diversos “Re’s” em sua explanação, aponta que:

“Conjunto de programas e projetos [...] que incidem sobre os tecidos urbanizados dos aglomerados, sejam antigos ou relativamente recentes, tendo em vista: a sua reestruturação ou revitalização funcional [...]; a sua recuperação ou reabilitação arquitetônica [...]; finalmente a sua reapropriação social e cultural [...]. Mais especificamente trata-se de projetos para intervenções urbanísticas nas quais se faz uso estratégico de recursos culturais tendo por objetivo o desenvolvimento local, e que podem ou não associadas a planos e políticas culturais”.

Para Weimer e Hoyt (1966), o termo renovação urbana foi criado pelo economista Miles Colean, em 1950, e possuía diferentes aplicações como: “reabilitação” no sentido de método de transformação da estrutura urbana considerada abaixo do padrão necessário ou prescrito; “conservação” compreendido por englobar tanto a reabilitação como a demolição para melhorar um lugar; e “redesenvolvimento”, entendido por envolver as atividades de demolição, remoção e reconstrução de um espaço inteiro. No entanto, o termo renovação passou a ser bastante usado após a segunda guerra mundial, no início do processo de reconstrução das cidades europeias.

Ou seja, a renovação é um conjunto de operações urbanísticas que têm como objetivo reconstruir as áreas urbanas subocupadas ou degradadas, as quais não se valorizam como patrimônio histórico ou conjuntos urbanos a se conservar, com problemáticas nas condições de vivência, de salubridade, de estética ou de segurança, provocando normalmente a troca das edificações existentes.

Segundo Portas (1986), a renovação se deu por meio dos arquitetos modernistas e normas presentes na Carta de Atenas, sendo necessária a substituição das morfologias existentes para a adequação das novas demandas do período moderno.

Já o termo revitalização surgiu em 1960, quando a população se deslocou da área central para as demais regiões das cidades, resultando no desuso e degradação nos centros. Assim, para reverter o cenário foram realizadas as intervenções urbanas, que passaram a ser mais utilizadas a partir das primeiras normas de preservação e contextos urbanos, no chamado terceiro movimento de preservação (TIESDEL, 1996).

A revitalização urbana intervém em médio e longo prazo, admitindo e proporcionando a conexão entre os territórios, os usos e pessoas. É o resultado da união de projetos ou de programas inseridos em um espaço, buscando antes assegurar uma operação sustentável, em categorias diferenciadas, em correlação no desenho da intervenção ou na sua realização.

“A revitalização urbana obriga a intervir na melhoria da qualidade do ambiente urbano, das condições socioeconômicas ou no quadro de vida de um determinado território (‘território de revitalização urbana’), baseando-se numa visão global, actuando de forma integrada e concertando um grande número de domínios e dimensões de intervenção. A sua actuação não é rígida, mas adapta-se às realidades territoriais nas quais intervém, pretendendo coordenar e adaptar os recursos existentes e potenciais, públicos e privados, apelando à população e às entidades que as representam para serem co-autoras do processo de revitalização”. (Guerra, et al, 2005, p.23).

No Brasil, a aplicação da nomenclatura revitalização causou várias discussões entre os profissionais da área, que segundo Oliveira (2002) e Arantes (2000), havia sido provocado pelas características da língua portuguesa, que delimitava tal termo, a mudança territorial, removendo os usos e grupos sociais preexistentes. Devido a esses debates, surgiram outros termos “como recuperação, reabilitação, renovação, requalificação e gentrificação” (SOTRATTI, 2015). Para Salgueiro (1992, p. 390) a reabilitação urbana:

“é um processo integrado de uma área que se pretende manter ou salvaguardar. No geral, envolve o restauro ou a conservação dos imóveis, o que alguns chamam de reabilitação física. A revitalização funcional, ou seja, a dinamização do tecido econômico e social implica na conservação das suas características funcionais, uma vez que mantém um bairro, e aumenta a sua capacidade de atração, quer para os habitantes, quer para o exercício de atividades econômicas e sociais compatíveis”.

O autor retrata que a reabilitação é um método de transformação urbana que atualiza as circunstâncias de uso e de habitação, entendendo e preservando seu caráter fundamental. O termo “reabilitação” tem sido aplicado por diversos autores como forma de expressar uma forma de intervenção urbana direcionada para a

superação dos passivos ambientais e econômicos acarretados por um histórico de industrialização pouco atento com suas externalidades negativas, tendo como objetivo a reintrodução do espaço no ciclo econômico da cidade e o desenvolvimento urbano sustentado.

Se tratando do termo “requalificação”, tem-se um conceito muito amplo. Entre as diversas significações, Moreira (2007) afirma que os conceitos usados de “requalificação” diversificavam entre revitalização, recuperação ou reabilitação, aparentemente designando o mesmo processo, além disso, é um termo recente em Portugal, aparecendo no final dos anos 1980, sendo que, até 1998, esse termo não aparecia nos vocabulários urbanísticos publicados. De acordo com Moura et al. (2006, p. 20), a “requalificação” trata-se de um:

“(…) instrumento para a melhoria de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e económica. Procura a reintrodução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área. Provoca a mudança de valor da área, ao nível económico (atividades económicas com alto valor financeiro), cultural (localização de usos económicos relacionados com a cultura), paisagístico e social (produção de espaços públicos com valor de centralidade)”.

É possível observar que o termo utilizado nas publicações relacionadas a urbanismo até meados de 1998, era revitalização, o qual, esclarecido por Sottratti (2015), em seu verbete (2016) para o dicionário do IPHAN, foi o primeiro vocabulário que se propagou pelo mundo, atribuindo várias significações: rehabilitation/refurbishment e renovation, nos EUA; réhabilitation, na França; rehabilitación, na Espanha”. De acordo com Del Rio (1991, p. 36):

“(…) a requalificação urbana é uma nova postura que se distancia igualmente, tanto dos processos traumáticos de renovação seletiva de áreas desocupadas, preservação de interesse histórico e cultural, reciclagem cuidadosa de usos em imóveis históricos, promoção de novos usos e recuperação ambiental”.

No I Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana (1995), foi proposta a Carta de Lisboa, que aborda a Reabilitação Urbana Integrada, trazendo em seu artigo 1º, essas nomenclaturas e conceitos de forma resumida, determinando princípios para as possíveis intervenções e correta aplicação nos dois países envolvidos, Portugal e Brasil. Desde então, podemos absorver a utilização do termo e concepção da requalificação, como técnica para reabilitação urbana, tratando-se “de

operações destinadas a tornar a dar uma atividade adaptada a esse local e no contexto actual” (CARTA DE LISBOA, 1995, p.2).

Com o desenvolvimento do espaço urbano e as preocupações em relação as mudanças nas condições urbanísticas das cidades, os conceitos e seus vocabulários também foram alterados e adaptados à sua aplicabilidade. Dessa forma, os termos citados anteriormente, carregam entre si, suas individualidades e aspectos para diferentes ações realizadas no âmbito urbano, que precisam ser analisados e distribuídos da maneira correta para sua função.

Para Moreira (2007, p.124) “o conceito de requalificação urbana tem evoluído ao longo do tempo à medida dos problemas que vão sendo diagnosticados no tecido urbano” reavaliado e debatido pelos estudiosos, para que seja aplicado da forma correta e utilizado nas intervenções urbanísticas, seja de grande ou pequena escala.

O termo “requalificação urbana” é muito discutido na atualidade. Segundo Silva (2011) é o principal instrumento para as intervenções de caráter urbano, com o objetivo de estabelecer melhorias nos locais mais degradados das cidades. Além disso, afirma que além da requalificação ser capaz de solucionar diversos problemas encontrados na cidade, essa também é capaz de propor melhorias na qualidade de vida da população.

Requalificação Urbana, como Silva (2011) retrata, é um importante instrumento na evolução do espaço urbano, por meio de intervenções que procuram solucionar problemáticas identificadas no contexto das cidades, possibilitando (re)construir seu visual aproveitando a estrutura existente. Além disso, a autora afirma que a requalificação é uma ferramenta que facilita a “revitalização das áreas mais antigas das cidades, que correspondem aos centros históricos, e que se encontram em risco de decadência, de abandono e de degradação” (SILVA, 2011, p. 46).

Seguindo esses preceitos, Mendes (2013) compreende que o conceito de requalificação visa restituir a qualidade a um determinado espaço a partir da melhoria das condições físicas dos edifícios e/ou dos espaços urbanos, podendo ser alterada a função original de modo a dar resposta às exigências da época.

Fortuna e Leite (2009) entendem que a requalificação urbana é um exercício de proteção urbanística, seja de infraestrutura e/ou de suas ferramentas sujeitas a degradação e desuso útil. Em concordância com Maricato (2001), indicando que a reforma necessária na infraestrutura existente, para adaptá-la a novas necessidades, procura não descaracterizar o ambiente construído herdado, busca-se fazer “intervenções mínimas” indispensáveis para garantir o conforto ambiental, acessibilidade e segurança estrutural.

A requalificação possui um poder criativo capaz de reconstruir cenários de forte impacto visual e de definir novos usos para os equipamentos culturais (SENNETT, 1998). Dessa forma, os indivíduos usufruem do espaço de forma múltipla (usos comerciais, culturais, de lazer e outros), estabelecem vínculos e os refazem constantemente.

De acordo com Silva (2011), a proposta de requalificação urbana possibilita a intervenção em áreas centrais da cidade, que corresponde ao grupo mais antigo e histórico, que sofrem com o abandono e, como consequência, a deterioração. Além disso, a requalificação deve ser baseada na história local, valorizando e reestruturando sua cultura e patrimônio, na tentativa de qualificar a identidade do lugar e reconhecendo suas riquezas, como foi retratado no documento de apresentação do VALIS – Valorização de Lisboa em 1990, citado por Moreira (2007).

A requalificação se refere a uma prática de proteção de espaços urbanos expostos à “degradação” e a um desvio de sua funcionalidade seja cultural, comercial, de lazer, etc. É uma operação que se dirige ao espaço público e procura fomentar novas atividades mais voltadas ao contexto contemporâneo (SIRCHAL, 1995). Assim, o objetivo principal é reintroduzir numa determinada área qualidades urbanas de acessibilidade ou centralidade, por isso é também conhecida como política de centralidade urbana (PEIXOTO, 2009).

Segundo Jeff Speck (2012), a vitalidade dos centros urbanos está diretamente ligada ao acolhimento do pedestre como o protagonista essencial da reativação, requalificação, animação e integração dessas áreas, partindo da constatação que a rua é o elo entre os indivíduos que nela habitam. Estes relacionamentos podem tornar as cidades seguras ou inseguras, passando pela

importância da mobilidade e das adaptações às mudanças que os indivíduos possam absorver em cada parte dela.

O mecanismo de “requalificação” tem evoluído ao longo do tempo, no decorrer da resolução de problemas que vão aparecendo no tecido urbano. Cada especialista de áreas diferentes adapta a sua definição do conceito consoante as suas matérias de trabalho, mas no geral a requalificação tem como objetivo ser um meio para se conseguir atingir uma melhor economia, melhorando a situação do emprego, da educação e refletindo-se na imagem e qualidade ambiental da cidade (MOREIRA, 2007).

Dessa forma, o termo requalificação, passou a ser usado comumente e aplicado nos projetos de contexto urbano, em centros históricos inutilizados e em edifícios isolados, de acordo com Sotratti (2015), identificando alternativas de recuperação e, conseqüentemente, valorização das preexistências sociais, sentindo este, que renunciam ao termo revitalização, utilizado anteriormente.

Abrangendo os pontos já mencionados, Moura (2006) sintetiza em seu ponto de vista, que a requalificação além de estimular a qualidade urbana, acessibilidade e centralidade do local, proporciona melhorias no local, para a população usuária, sendo assim, uma ferramenta mobilizadora e transformadora do contexto social, cultural, econômico e paisagístico.

3.2 Aspectos Projetuais de Requalificação Urbana

Para discorrer a respeito dos aspectos projetuais de requalificação urbana é necessário compreender a classificação das tipologias de praças existentes no espaço urbano da cidade. De acordo com Krier (1975), as praças estão categorizadas em: retangulares (com alguma variação, tendo os cantos chanfrados); praças ortogonais; praças circulares (tendendo algumas vezes a ovais); praças triangulares; praças angulares; praças com sistemas geometricamente complexos.

Geralmente, a tipologia da praça é determinada a partir de sua topografia do terreno, da disposição das edificações existentes no entorno, e também da função a ser desenvolvida dentro do contexto urbano ao qual está inserida. Neste sentido, é

necessário compreender aspectos projetuais que possam ser aplicados em projetos de requalificação urbana para garantir qualidade no desempenho e manutenção do espaço. Os principais aspectos projetuais que serão abordados neste trabalho, serão de: diversidade de usos, meio ambiente e sustentabilidade urbana, e urbanismo estratégico.

A diversidade de usos é um dos elementos mais importantes dentro da metrópole sustentável, pois é ela quem vai definir os fluxos e as interações sociais dentro de um determinado espaço. De acordo com Talen (2008) apud FREIRE, 2014, p. 30):

“A diversidade pode ser organizada em dois tópicos principais: Vitalidade do lugar e equidade social, sendo que a vitalidade está relacionada à prática de diferentes atividades em um mesmo lugar e a equidade social significa que diferentes indivíduos (de diferentes grupos sociais) podem ter acesso aos mesmos recursos e também possam dividir, ou morar, no mesmo espaço”.

Um espaço altamente adensado sem mesclas de uso causará fluxos fora dessa área, uma vez que seus usuários realizarão outras alternativas de atividades que o local em questão não possui. Aliar densidade com diversidade de usos é um ponto fundamental para a sustentabilidade da metrópole.

Dessa forma, Jacobs (1962) afirma que as misturas de usos devem ser eficientes para propor diversidade, mas para conseguir isso, é necessário que essas misturas de uso estejam relacionadas a três condições que motivam a diversidade:

- Pessoas que frequentam as ruas em horários diferentes devem utilizar exatamente as mesmas ruas. Se seus caminhos forem diferentes ou separados uns dos outros, não haverá diversidade;
- Pessoas que frequentem as mesmas ruas em horários diferentes devem incluir pessoas que utilizem algumas das mesmas instalações. Podem estar presentes pessoas de todos os tipos, mas aquelas que aparecem ao mesmo tempo por motivo específico não devem compor um grupo inteiramente incompatível;
- Mistura de pessoas na rua em determinado momento do dia deve ser razoavelmente proporcional ao número de pessoas presentes em outros horários do dia.

Ainda de acordo com Jacobs (1962), os espaços em que tais associações possuem vitalidade e relacionam-se essas três condições que incentivam a diversidade, com usos diurnos, noturnos e aos finais de semana, são razoavelmente balanceados.

Já os aspectos projetuais relacionados ao meio ambiente e sustentabilidade urbana são convenientes ao momento e às discussões atribuídas ao futuro das cidades contemporâneas. O gerenciamento de usos e recursos deve ser um ponto debatido internamente nas políticas públicas atuais. De acordo com Rogers e Gumunchdjian (2001, p.30):

“Os recursos consumidos por uma cidade podem ser medidos em termos de seus rastros ecológicos. Estes rastros estão nas áreas que proporcionam os recursos da cidade e fornecem locais para o destino final do lixo e da poluição. As pegadas ecológicas das cidades existentes já cobrem virtualmente todo o globo. À medida que novas cidades consumidoras se expandem, também cresce a competição por esses recursos e crescem essas pegadas”.

Ainda segundo Rogers e Gumunchdjian (2001), as cidades devem ser planejadas a favor de um metabolismo circular, ao contrário do metabolismo linear, que é ineficaz em termos energéticos. O metabolismo circular das cidades permite potencializar a eficácia energética e diminuir o uso de recursos não-renováveis, promovendo mais utilização dos recursos renováveis.

Para Almeida et al. (1999), o planejamento ambiental deve ser visto de forma abrangente, como etapas de definições e decisões, aplicável a diversos tipos e níveis de exercício humano, através de ações contínuas que servem para motivar a tomada de decisões para solucionar objetivos específicos no intuito de obter o máximo de benefícios para a coletividade.

Conforme Mascaró e Mascaró (2001) retratam, a aproximação de um conceito sobre meio ambiente da cidade deve partir da suposição de que a própria cidade é um meio artificial, acumulado e já transformado pelas atividades do homem.

De acordo com Haughton e Hunter (1994), o desenho da cidade, relacionado ao seu tamanho, densidade populacional e ordenamento urbano seria a dúvida principal do tema em relação ao desenvolvimento sustentável.

Para Ingersoll (2007), os maiores impactos ambientais estão ligados aos processos de expansão urbana e aos projetos de grande proporção. No primeiro caso, identifica-se pouca eficiência e competitividade dos transportes públicos, que provocam impactos na mobilidade e transporte da população. No segundo caso, os trajetos de pedestres são dificultados.

No entanto, a procura pela sustentabilidade deve se preocupar a três pontos estruturantes: social, econômico e ambiental. Ou seja, analisar as potencialidades da intervenção dos centros urbanos é uma possível alternativa para trabalhar com maior eficiência, proporcionando segurança às áreas verdes do entorno, economia de investimentos em infraestrutura, transporte público e diversidade social.

O urbanismo estratégico como proposta estruturação de cidades é uma consequência do urbanismo planejador. De acordo com Ascher (2007), o urbanismo planejador dos anos 1960 inspirou-se principalmente nas teorias fordistas e tayloristas, especialmente no quesito uso do automóvel e na capacidade que as cidades passaram a ter a desde então. O crescimento no número de veículos, juntos a uma sociedade inspirada na produção de bens de consumo e em uma segregação entre as funções de direção e produção, motivaram um significativo crescimento urbano. Para Ascher (2007, p.02):

“As cidades estenderam-se graças, sobretudo, ao automóvel; grandes conjuntos verticais ou “horizontais” acolheram aos trabalhadores das novas indústrias; os modos de vida mudaram, estruturados na base de um assalariado relativamente estável, do aumento do poder de compra (“o operário fordiano”) e de uma proteção social (estado providência) que permitiram o desenvolvimento do crédito, a compra de uma viatura, o acesso a um alojamento unifamiliar, a aquisição de bens eletrodomésticos, o uso do frigorífico. Automóvel, frigorífico e urbanização periférica conduziram ao desaparecimento parcial do pequeno comércio e ao desenvolvimento de grandes superfícies comerciais e, mais tarde, dos centros comerciais” (ASCHER, 2007, p. 02).

A forte crise econômica e as altas taxas de desemprego em meados dos anos 1970 e 1980, motivaram grandes mudanças na política urbana das cidades. Assim, surgiu o urbanismo “concorrencial”, apresentando atrativos para conseguir investimentos e tecnologias em determinadas regiões, buscando reduzir a crise existente naquele momento. A mudança do urbanismo concorrencial para o urbanismo estratégico ocorre, segundo Ascher (2007), através do contexto pós fordiano, que é marcado pelo “desenvolvimento das novas tecnologias de informática

e da comunicação que tornam possíveis mudanças estruturais nas maneiras de produzir e de consumir”.

Dessa forma, o urbanismo estratégico das cidades acaba dando grande importância aos projetos urbanos. De acordo com Brandão (2002, p. 02):

“A relação dialética entre o plano e o projeto urbano presente no planejamento Estratégico rejeita formalmente a hierarquia do planejamento convencional. O projeto não é mais visto apenas como um produto derivado do planejamento, onde os seus impactos supostamente obedecem a uma lógica pré-estabelecida nos objetivos do plano. No Planejamento Estratégico, portanto, o projeto abandona a posição passiva diante do plano urbano podendo até mesmo redirecioná-lo”.

No entanto, o urbanismo estratégico necessita seguir etapas para que seja eficiente e funcional (Quadro 01). Bryson (2004) sugere:

Quadro 01: Etapas do urbanismo estratégico.

ETAPAS DO URBANISMO ESTRATÉGICO
Iniciar e pactuar um processo de planejamento estratégico;
Identificar os requisitos legais;
Esclarecer a missão e os valores;
Avaliar os ambientes interno e externo;
Identificar as questões estratégicas;
Formular as estratégias para responder às questões;
Revisar e adotar as estratégias ou o plano estratégico;
Definir a visão do futuro;
Desenvolver um processo de implementação do plano estratégico.

Fonte: Adaptado de Bryson (2004).

Essa nova forma de urbanismo simbolizou uma transformação dos conceitos de planejamento das empresas para o planejamento urbano (KAUFMAN; JACOBS, 1987) sendo representado em sua maior instância pelo Estatuto da Cidade, que normatizou mecanismos constitucionais da Política Urbana. Dessa forma, os aspectos projetuais para intervenção urbana, como a requalificação, passaram a ser mais acessíveis e eficientes no intuito de tornar os espaços públicos mais contemplativos e funcionais para seus usuários.

4 ESTUDO DE CASOS

A seguir serão apresentados alguns projetos em escala mundial, nacional e estadual que serão usados como referência para o desenvolvimento deste projeto. A Plaza Huerto San Agustín, a Praça Colinas de Anhanguera e a Praça da Lagoa da Jansen, utilizaram a requalificação como instrumento para proporcionar benefícios para os seus entornos, oferecendo novos usos, fortalecendo a funcionalidade dos locais e estabelecendo benefícios diretos aos seus usuários.

4.1 Plaza Huerto San Agustín

A Praça Huerto San Agustín representa o projeto em escala mundial, ela está localizada na cidade de Quito, no Equador (Figura 07), e seu espaço conta com uma área de aproximadamente 2.800 m². A figura a seguir representa a área estabelecida para a proposta de intervenção da praça, na qual possui grandes potencialidades, trabalhando o espaço público juntamente com o privado, qualificando os dois de uma única forma.

Figura 07– Localização da Praça Huerto San Agustín, em Quito (Equador).



Fonte: Google Earth (2020)

O projeto parte de duas premissas: valorizar a memória urbana do local e incorporar novas áreas verdes e espaços públicos que beneficiem a apropriação e integração dos usuários do Centro Histórico de Quito. Conforme é possível observar, o projeto é adequado ao ambiente onde está inserido. O mesmo serve de apoio ao Convento San Augustin, oferecendo diversos equipamento urbanos, tais como: banheiros públicos, área de descanso e leitura e fortalece a circulação vertical existente na extremidade do convento.

Além disso, a valorização da área é feita por meio da integração de elementos educacionais: como o mural de placas desenhadas a partir dos planos urbanos dos últimos quatro séculos que descrevem as transformações que a malha urbana sofreu, da Ruas Mejía, entre as Ruas Guayaquil e Flores em cada século. Os jogos de equilíbrio para crianças que fazem alusão à crônica urbana sobre "a lagartixa que abriu a Rua Mejía" no século XIX, a escultura humanizada de Santo Agustín que caminha como mais um entre os usuários da praça e as aplicações de bronze no piso que marcam a linha de fábrica em memória no edifício do antigo registro civil, o antigo edifício que ocupou o lote do projeto entre os anos de 1964 e 2015, ocultando por completo a vista posterior do edifício histórico do Convento San Agustín.

Na paginação de piso da praça se demonstram os grafismos de linhas a 45° que simbolizam as hortas nas plantas históricas da cidade do século XVIII, memorizando a antiga horta dos Agostinianos que unia duas quadras ao norte e ao sul do eixo da rua (Figura 08). Tal desenho se refaz na entrada principal da igreja do Convento de San Agustín desde a Rua Chile (Figura 09).

Figura 08– Planta da Plaza Huerto San Augustin



Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/803182/praca-huerto-san-agustin-jaramillo-van-sluis-arquitectura-plus-urbanismo?ad_medium=gallery

Figura 09– Fachada da Plaza Huerto San Augustin



Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/803182/praca-huerto-san-agustin-jaramillo-van-sluis-arquitectura-plus-urbanismo?ad_medium=gallery

As áreas verdes e fontes de água se integraram à paginação de piso em pedra vulcânica preta e andesita em dois tons de cinza. A planificação e nivelamento da rua permitiu que a praça se estenda de fora a fora, melhorando significativamente a largura das calçadas no eixo norte e diminuindo a velocidade de circulação dos automóveis.

A complexa articulação dos vários níveis existentes é solucionada através de uma calçada contínua que acompanha a inclinação existente da Rua Mejía e o

desenvolvimento de quatro plataformas que vencem o desnível de quase cinco metros entre a cota mais alta e mais baixa da praça (Figura 10).

Figura 10– Imagem da Plaza Huerto San Augustin



Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/803182/praca-huerto-san-agustin-jaramillo-van-sluis-arquitectura-plus-urbanismo?ad_medium=gallery

O projeto da Praça Huerto San Agustín tem como objetivo principal recuperar o vazio existente na malha urbana do século XVIII e que funcionava como uma área verde privada e transformá-lo num espaço público de qualidade no século XXI. Além disso, o projeto apresenta pontos que podem contribuir grandemente para o estudo preliminar da Praça do Jardim, tais como: a paginação geométrica do piso, a presença de áreas verdes e fonte de água para amenizar as elevadas temperaturas, a existência de banheiros públicos, entre outros.

4.2 Praça Colinas de Anhanguera, em Santana de Parnaíba – SP

A praça está situada em Colinas da Anhanguera, no município de Santana de Parnaíba - SP, Brasil (Figura 11), e possui uma área construída de aproximadamente 21.600 m². A figura a seguir mostra a área proposta para o projeto de requalificação da Praça Colinas de Anhanguera.

Figura 11– Localização da Praça das Colinas de Anhanguera, em Santana de Parnaíba – SP.



Fonte: Google Earth (2020)

Contudo, a praça está localizada em um bairro isolado e desprovido de equipamentos de lazer, o local de intervenção é um valioso logradouro que se tornará uma área fundamental de desfrute da população. O projeto visa fazer com que uma praça se transforme em um componente de associação física e social da malha urbana, reestruturando o seu traçado, qualificando os espaços públicos e fortalecendo o seu uso.

O projeto busca melhorar os espaços públicos, estabelecendo uma conexão com a malha urbana. O entorno possui como atributos um grande deslocamento de veículos e pessoas, em razão da Av. Cândido Portinari ser predominantemente formada por comércios, e da Rua José de Domé ser composta por um grande número de residências (Figura 12).

Figura 12– Inserção da Praça das Colinas de Anhanguera no traçado urbano da cidade.

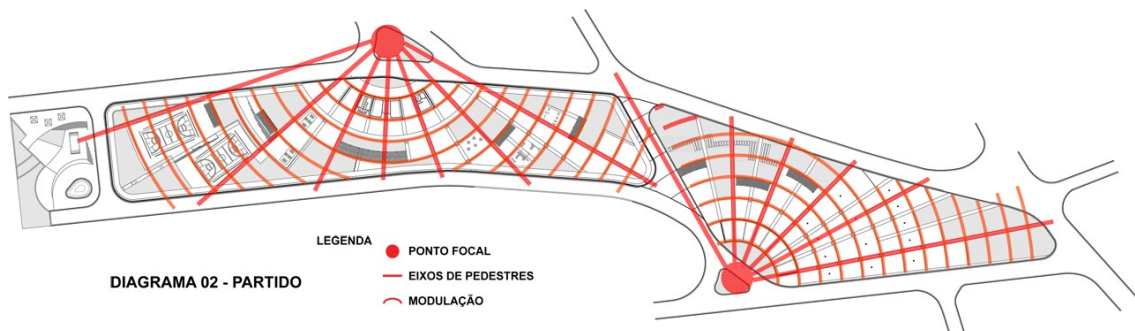


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

Em relação à setorização da praça, ao norte foi reservado a encontros e manifestações públicas, onde foram planejados locais para shows, feiras entre outras atividades públicas. Ao sul, foram projetados espaços para esportes e passeio.

O traçado viário refeito, propõe-se o fechamento da atual via que corta a área de intervenção e a abertura de outra, continuação da Rua Manuel Martins, como uma travessia em nível, dando preferência para o pedestre que transita de um setor ao outro de maneira mais eficiente e segura (Figura 13).

Figura 13– Diagrama de Partido da Praça das Colinas de Anhanguera

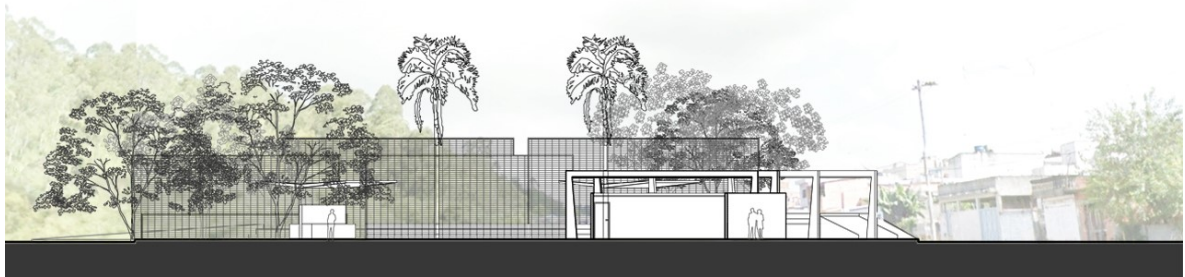


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

No foco norte encontra-se um palco elevado, com cobertura em estrutura tensionada que se abre para a grande esplanada de eventos que, com suas belas palmeiras e seus jatos d'água, proporcionam uma descontraída e divertida alternativa

de lazer para dias com temperaturas mais elevadas, representando a marca registrada do projeto (Figura 14).

Figura 14– Corte identificando palco elevado na Praça das Colinas de Anhanguera



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

A praça propões a inserção de diversos equipamentos, entre eles:

- Sanitários
- Posto de guarda municipal
- Três salões para atividades comunitárias
- Duas quadras poliesportivas
- Pista de skate
- Parque infantil
- Mesas de jogos
- Espaço para ginástica
- Ciclovia

O projeto foi pensado visando estabelecer acessibilidade no local, sendo proposto soluções que facilitassem o uso de pessoas portadoras de necessidades físicas. Contudo, foi planejado toda uma readaptação de níveis, de maneira a tornar todo o espaço acessível, em média com inclinações de até 4% e quando necessário a utilização de rampas.

Na Figura 15 é possível observar o ponto de partida do projeto, partindo de dois pontos focais, a partir deles é traçado eixos de pedestres e modulações, criando o desenho da praça, a partir desta base é distribuído os usos e atividades.

Figura 15– Planta de Implantação da Praça das Colinas de Anhanguera



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

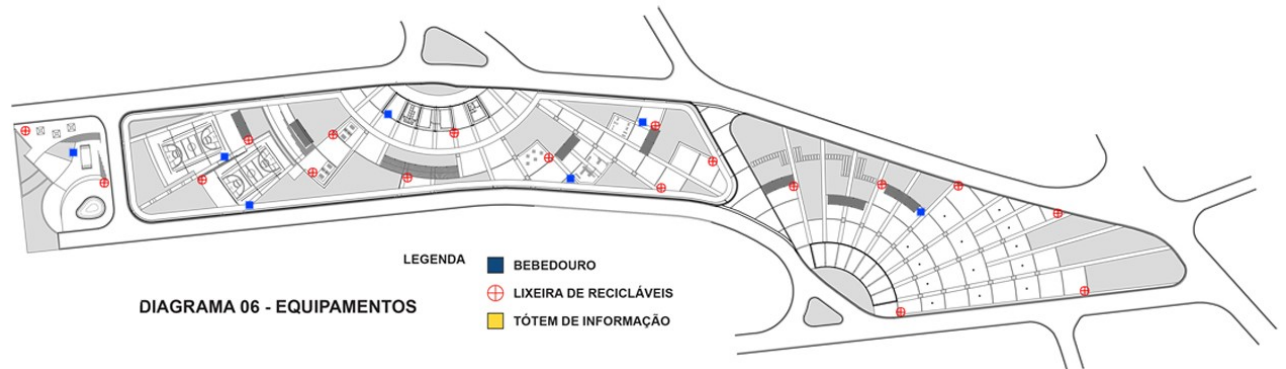
Com essa nova disposição, foram determinados pontos focais em cada setor, situados nas principais vias de acesso do bairro ao conjunto. Esses pontos são caracterizados por coberturas semicirculares que comportam diferentes equipamentos e se abrem à praça. A partir destes pontos criam-se os eixos organizadores que caracterizam os espaços abertos, a vegetação e todos os demais equipamentos. Esses eixos são apresentados tanto por meio de desenho de piso, quanto pela disposição das árvores.

Além disso, o projeto possui arremates em pedra em volta dos canteiros, com o objetivo de servir como guia ao longo do percurso dos portadores de deficiência visual, informações em braile serão inseridas em totens de sinalização, equipamentos com símbolos específicos para atender as necessidades dos usuários com limitações físicas.

Também foram propostos equipamentos de fácil execução e manutenção e com baixos custos, sendo utilizados os seguintes materiais (Figura 16):

- Bancos fixos em concreto moldado in loco
- Pergolados em madeira com tratamento antifungo
- Postes e totens em aço inoxidável

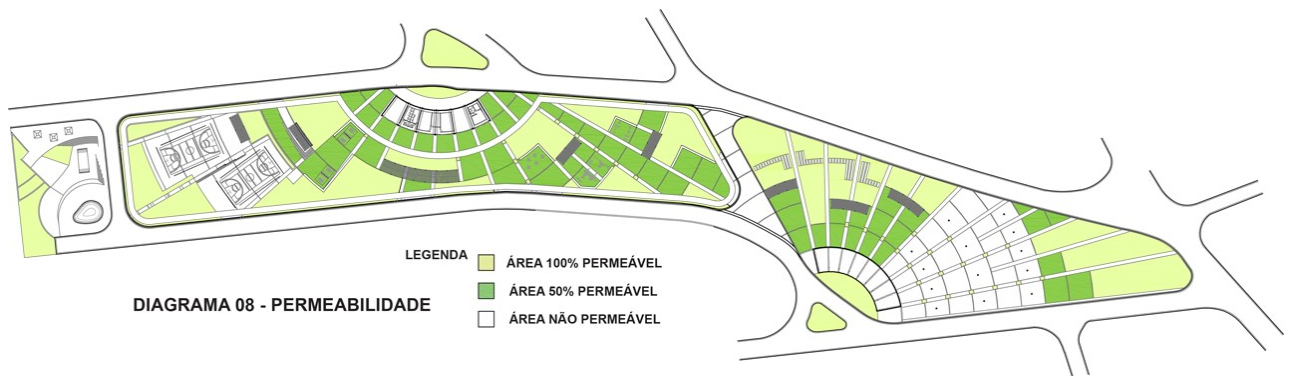
Figura 16– Marcação de Equipamentos utilizados na Praça das Colinas de Anhanguera.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

Contudo, a praça é pensada com soluções e aspectos projetuais de sustentabilidade, ou seja, utiliza sistemas de reaproveitamento da água, fazendo com que a água que sai pelos aspersores seja captada em reservatórios e reutilizada no processo de irrigação das vegetações e também reaproveitada para a lavagem do piso, da mesma forma é coletada a água fluvial e reutilizada para as mesmas finalidades (Figura 17).

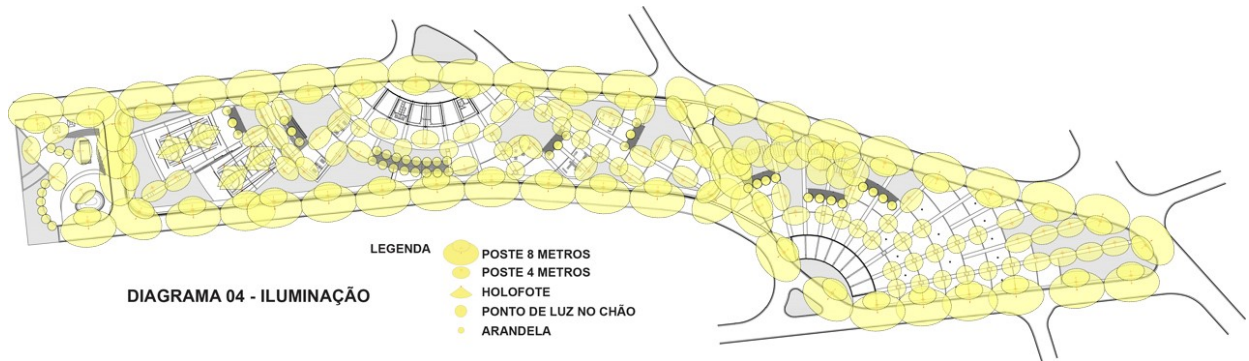
Figura 17– Diagrama de Permeabilidade da Praça das Colinas de Anhanguera.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

Além disso, a iluminação é estabelecida através de células fotovoltaicas, sendo armazenada a energia solar para ser reutilizada durante o período noturno (Figura 18).

Figura 18– Planta de Iluminação da Praça das Colinas de Anhanguera.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>

Em relação a permeabilidade do solo, embora grande parte da praça seja revestida por piso, será utilizado um tipo de piso semipermeável, na qual evita o comprometimento da drenagem natural. No entanto, o projeto apresentado busca considerar a importância dos espaços públicos, destinados a área de lazer, buscando soluções que viabilizam a qualidade ambiental e sustentável (Figura 19).

Figura 19– Perspectiva da Praça das Colinas de Anhanguera.



Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus/26700_26712

No entanto, a prefeitura municipal de São Luís, em parceria com o governo do estado, investiu no projeto de intervenção urbanística daquele espaço, e na área onde antes era um terreno baldio, foi construída uma praça com diversos equipamentos sociais que transformaram o espaço em um moderno complexo de diversão e convivência, voltada principalmente para proporcionar lazer e diversão às crianças, mas também atendendo as necessidades de interação e socialização entre adolescentes e idosos (Figuras 21 e 22).

Figura 21– Perspectiva 1 da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.



Fonte: <https://oquartopoder.com/sao-luis/lagoa-da-jansen-ganha-praca-do-foguete-e-passa-por-mudanca-historica-no-combate-poluicao/>

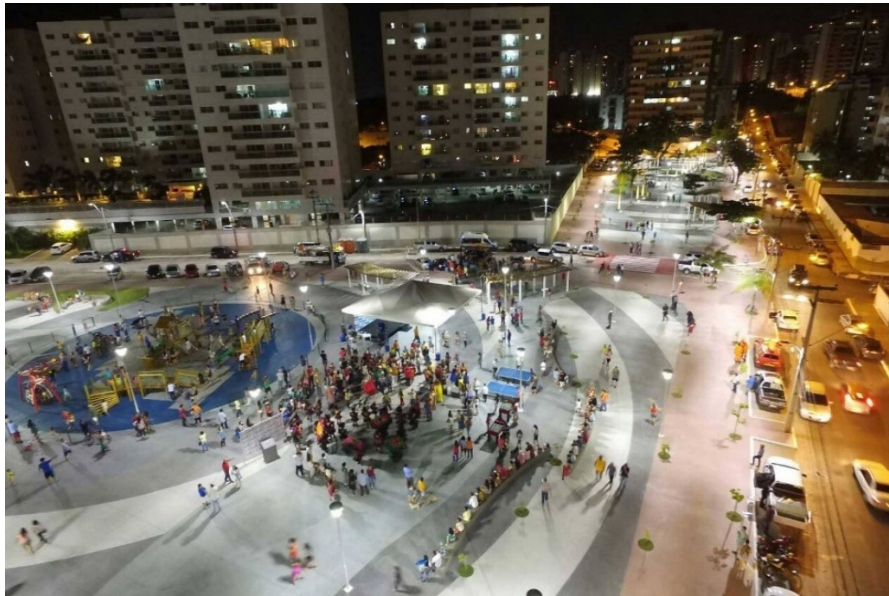
Figura 22– Perspectiva 2 da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.



Fonte: <http://kamaleao.com/saoluis/4219/lagoa-da-jansen>

A praça da Lagoa desde sua construção serve como referência em termos de um bom espaço público não só para a cidade como para todo o estado. Em constante frequência pela população e turistas, a praça é o resultado de um bom projeto, atendendo as reais necessidades dos usuários, sendo um projeto funcional, desfrutado e preservado por todos. A mesma oferece diversos tipos de equipamentos, tais como: playground, brinquedos para crianças com deficiência física, passeios livres, estruturas de sombreamento, além de mobiliários modernos como bancos, lixeiras, postes de iluminação, entre outros (Figura 23).

Figura 23– Imagem da Praça da Lagoa, em São Luís – MA.



Fonte: <https://segov.ma.gov.br/vemproparque/parque-lagoa-jansen/>

Dessa forma, a requalificação urbana realizada na Praça da Lagoa da Jansen, apresenta traços interessantes que poderão ser adaptados para o estudo preliminar da Praça do Jardim contribuindo para a melhor utilização do espaço público, tais como: a presença de passeios livres para a prática de lazer ativo, a introdução de mobiliários urbanos modernos, a existência de playground infantil, entre outros.

5 ANÁLISE E DIAGNÓSTICO DO ENTORNO

5.1 Breve histórico do município de Pedreiras e da Praça do Jardim

O município de Pedreiras, no Maranhão, foi fundado em áreas de fazendas escravistas e dos índios Guajarás que habitavam a região. Os primeiros cidadãos conhecidos que fixaram suas residências naquele território foram o Cel. Joaquim Pinto Saldanha, João Emiliano da Luz e José Carlos de Almeida Saldanha. Desde então, passaram a ser acompanhados por nacionais e escravos que exerciam suas atividades comerciais e industriais-agrícola (IBGE, 2010).

Atendendo ao desenvolvimento em geral, no dia 04 de março de 1889, o local foi categorizado como vila pela Lei estadual Nº. 1.453, passando a ser administrada por um Conselho de Intendência, nomeado pelo Poder Executivo Estatal em 07 de abril de 1890. Em 27 de abril de 1920, através da Lei estadual Nº. 947, Pedreiras é elevada à condição de cidade (SOUSA, et. al. 2017), como mostra a Figura 24, a entrada da cidade de Pedreiras.

Figura 24 – Entrada da cidade de Pedreiras, MA - 1968



Fonte: IBGE (2010).

De acordo com Sousa et al. (2017), o nome atribuído a cidade de Pedreiras é oriundo do grande bloco de pedras existente na margem esquerda do Rio Mearim, chamado de “Pedra Grande” (Figura 25), localizada no Bairro Transwal, a aproximadamente quatro quilômetros da cidade. O aludido bloco possui 30 metros de

altura e é tido como objeto de turismo, pois a ele ocorrem muitas pessoas, principalmente estudantes, na época das férias, onde costumam realizar piqueniques e folguedos.

Figura 25 – “Pedra Grande” em Pedreiras, MA - 2016



Fonte: Blog do Carlinhos (2016).

Após as passagens de alguns governantes na administração de Pedreiras, o médico Pedro Barroso é eleito prefeito da cidade para governar no período de 1983 a 1988. O administrador marcou sua passagem por priorizar o desenvolvimento estrutural da cidade realizando calçamento de ruas, melhoramento de estradas vicinais e construção e/ou reforma de escolas, esta se destaca por reparar o Jardim de Infância Branca de Neve, considerado um exemplar de arquitetura moderna, e que possuía um grande pátio murado para a práticas de lazer e diversão de seus estudantes (Figura 26). Porém, Sousa et. al. (2017) destaca que a prefeita Maria da Graça Nunes Melo, determinou a demolição do muro delimitador do pátio, pois o local estava em desuso por parte dos estudantes e começava a servir de esconderijo para usuários de drogas que invadiam o local.

Figura 26 – Jardim de Infância Branca de Neve - 1968



Fonte: IBGE (2010).

No dia 11 de setembro de 1992, com a presença do então Governador Newton Bello, a praça foi inaugurada com o nome Praça Zinô Caldeira, uma homenagem ao saudoso industrial e vereador José dos Reis Caldeira. No entanto, SOUSA et. al. (2017) destaca que o espaço foi completamente reformado pelo prefeito sucessor, Edmilson Gonçalves Alencar Filho, passando a ser chamada “Praça do Jardim”, e recebendo os principais eventos da cidade (Figura 27).

Figura 27 – Jardim de Infância Branca de Neve - 1992



Fonte: IBGE (2010).

Ao longo dos anos a praça foi ganhando cada vez mais visibilidade com a chegada de restaurantes, bares e lanchonetes, atraindo um grande número de

peças da região que utilizam a praça como escape para descanso e tranquilidade no dia a dia. Atualmente, mesmo ainda muito frequentada, a praça apresenta diversas problemáticas que preocupam a população e o autor deste projeto pela possibilidade do local se tornar um espaço em desuso e perigoso (Figura 28).

Figura 28 – Praça do Jardim na atualidade – 2020.



Fonte: Arquivo Pessoal (2020).

Em relação ao aspecto físico, Pedreiras está situada no centro do Estado do Maranhão, compreendido na Microrregião do Médio – Mearim. Atualmente, o município possui uma população estimada de 39.191 pessoas, uma área territorial de aproximadamente 261,723 km², e com a densidade demográfica de aproximadamente 149,74 habitantes por km² (IBGE, 2020).

5.2 Delimitação do Entorno

A Praça Zinô Caldeira, popularmente conhecida como Praça do Jardim está situada na região do bairro Centro, delimitada pelas ruas Crescêncio Raposo, Maneco Rego, Jeremias Caldeira e Filipino, dispendo assim de uma localização privilegiada, devido estar na centralidade do município e nas proximidades do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), a Loja Maçônica Renascença Pedreirense, o Estádio Pilizão, agências do Banco do Brasil e Caixa Econômica, o Mercado Central, além de vários

bares, restaurantes, lanchonetes, boates, hotéis e supermercados da cidade (Figuras 29 e 30). A praça também está localizada a aproximadamente 125 metros do Igarapé São Francisco (tracejado em amarelo na Figura 31) que, com sua extensão, percorre por toda a área urbana da cidade.

Figuras 29 e 30 – Localização do município de Pedreiras e da área urbana consolidada.



Fonte: Google Earth (2020)

Figura 31 – Localização da praça do jardim e seu entorno.



Fonte: Google Earth (2020).

A escolha da Praça do Jardim para a proposta foi definida primeiramente devido a praça ser o maior e principal espaço público da cidade, e por ser um local que atualmente preocupa a população, incluindo o autor deste trabalho, por não possuir uma valorização da sua paisagem e do seu patrimônio natural de forma mais contemplativa, tendo em vista que todo o seu valor histórico e caráter social demandam de uma qualidade ambiental ainda não suficiente e satisfatória aos seus usuários. Em virtude à sua carência de bicicletários, playground, balizadores de tráfego, etc; mobiliários arruinados, tais como: bancos, lixeiras, postes de iluminação, etc; necessidade de melhoria no sistema de infraestrutura urbana, segurança pública, áreas destinadas a prática de esportes, falta de acessibilidade, ausência de estacionamentos, banheiros públicos, local para apresentações e manifestações culturais, necessidade de estruturas de sombreamento, etc; o público alvo, embora utilize o espaço existente, demanda melhorias e intervenções para melhor utilização desse espaço público (Figuras 32 a 35).

Figuras 32 a 35 – Praça do Jardim, em Pedreiras – MA



Fonte: Arquivo Pessoal (2020)

Após frequentes visitas em diferentes horários e dias à Praça do Jardim, foi possível identificar alguns contratempos, que motivou a necessidade de formar um quadro (Quadro 02) de potencialidades, problemáticas e atuais usos, esse, nos auxiliará na elaboração não só do programa de necessidades, mas também, em todo o estudo preliminar de requalificação da praça.

Quadro 02: Potencialidades, problemáticas e atuais usos da Praça do Jardim.

POTENCIALIDADES	PROBLEMÁTICAS	ATUAIS USOS
Localização.	Pouca arborização.	Lazer.
Lazer.	Pouca Iluminação.	Conversaço.
Conversaço.	Falta de acessibilidade.	Alimentaço.
Alimentaço.	Falta de banheiros.	-
-	Pisos quebrados.	-
-	Falta de playground.	-
-	Falta de local para apresentaçoes culturais.	-
-	Calçadas quebradas.	-
-	Lixeiras quebradas.	-
-	Bancos quebrados.	-
-	Falta de estacionamento.	-

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Considerando o quadro acima, é possível observar que a Praça do Jardim, mesmo possuindo uma boa localização, tendo usos de lazer, conversaço e alimentaço por parte da populaço, ainda é um local que apresenta diversas problemáticas e precisa de uma intervenço para o seu melhor funcionamento.

5.3 Área de Estudo

Para a poligonal de análise foi considerada uma área de aproximadamente 500 metros adjacente ao local de intervenço (Figura 36), afim de um melhor entendimento espacial e análise das possíveis influências no projeto.

De acordo com a leitura do lugar, foi possível identificar algumas informações essenciais para o desenvolvimento do trabalho, tais como: a topografia da praça é plana, e o local possui predominância dos ventos a nordeste.

Figura 36 – Área de abrangência para estudo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2020)

Conhecer o entorno da área de intervenção é fundamental para qualquer projeto, em especial aos que desejam atender um considerável número de pessoas, pois através desse conhecimento será possível estruturar uma demanda de visitantes e assim propor um projeto que receba com qualidade e conforto todos eles.

Para identificar todos os usos existentes na área de entorno da Praça do Jardim de modo a enriquecer a elaboração deste projeto, foi elaborado um mapa de usos e ocupações do solo (Figura 37). O mapeamento serve como um processo de análise e interpretação específica para auxiliar na análise da área de abrangência do trabalho.

A partir da identificação in loco na área de estudo, foram identificados os seguintes usos: residencial, comercial, institucional, misto (comércio/residência) e áreas verdes livres.

Figura 37 – Mapa de Uso e Ocupação do Solo



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Com esta análise dos lotes adjacentes à área de intervenção, constatou-se que os tipos de usos e ocupações mais predominantes no local são de funções comerciais e residenciais, o que torna o lugar bastante visível e, fortalecendo ainda mais a necessidade de requalificar a praça para que não fique em situação de degradação e desuso.

Para classificar e organizar o sistema viário da área de abrangência para estudo foi realizado um mapa de hierarquia viária (Figura 38), facilitando a resolução de qualquer conflito de função e obtendo maior eficiência. As hierarquizações das vias no mapa estão classificadas em: via arterial, vias coletoras e vias locais.

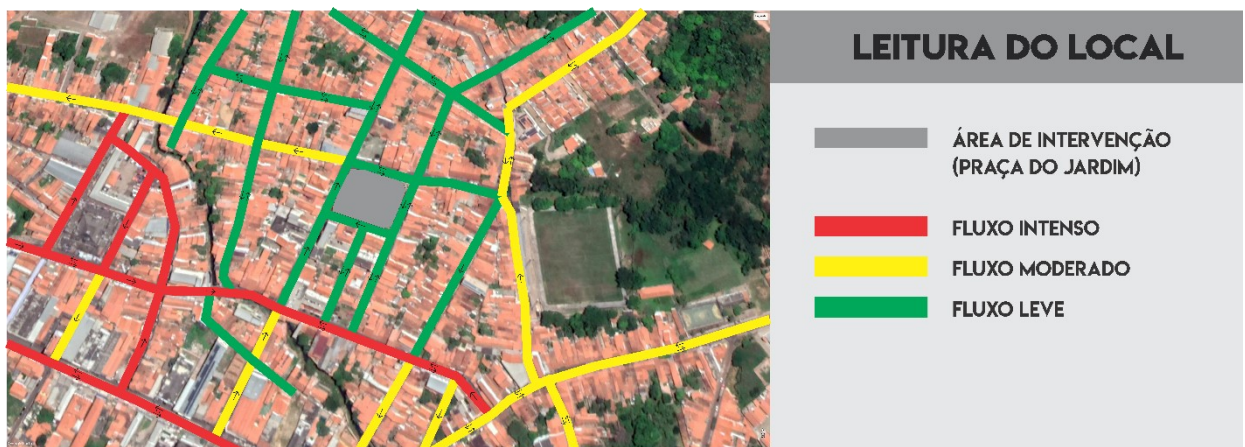
Figura 38 – Mapa de Hierarquia Viária



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Além disso, foram realizadas análises de fluxos de automóveis (Figura 39) para identificar a intensidade do tráfego de veículos nas vias existentes na área de abrangência para estudo, e compreender os sentidos de tráfego das mesmas. Os fluxos foram classificados entre: intenso, moderado e leve.

Figura 39 – Mapa de fluxos

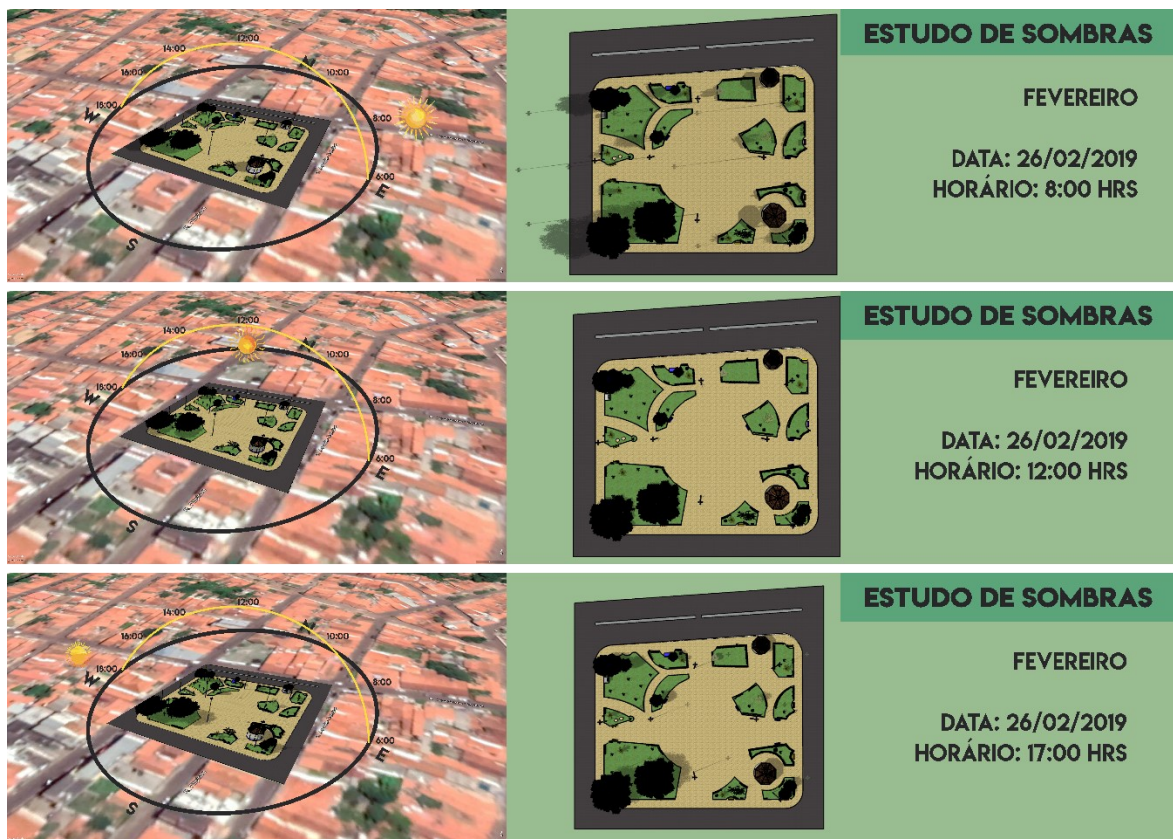


Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Para garantir maior conforto e evitar demais problemas térmicos, foi realizado um estudo de carta solar e elaboração de mapas de sombreamento na praça. O estudo foi realizado em três diferentes épocas do ano (fevereiro, junho e novembro), e em três horários diferentes do dia (8:00, 12:00 e 17:00 hrs).

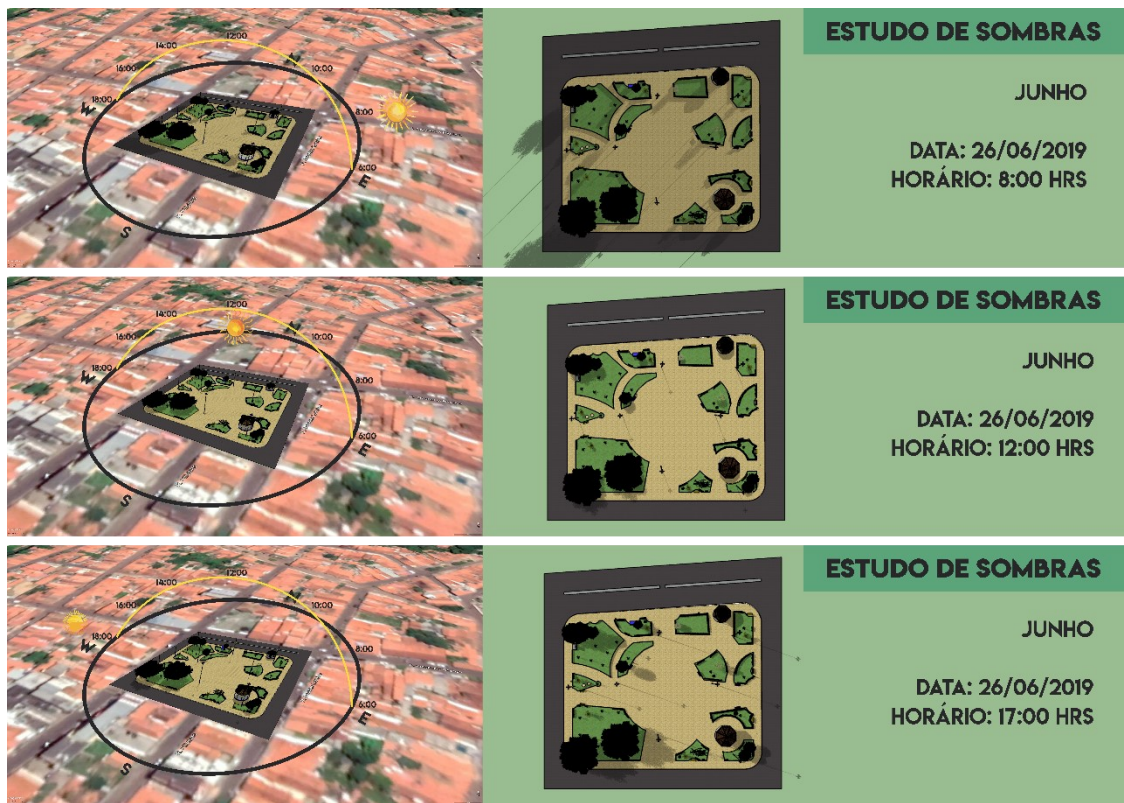
Assim, através do programa Sketchup, foi possível identificar a influência da insolação nas estruturas existentes na praça analisando as áreas de maior sombreamento nos diferentes horários e épocas do ano, contribuindo para determinar a disposição de ambientes e equipamentos urbanos na praça de forma a gerar o máximo de conforto térmico e ambiental possível (Figura 40 a 42).

Figura 40 – Estudo de Sombras (fevereiro)



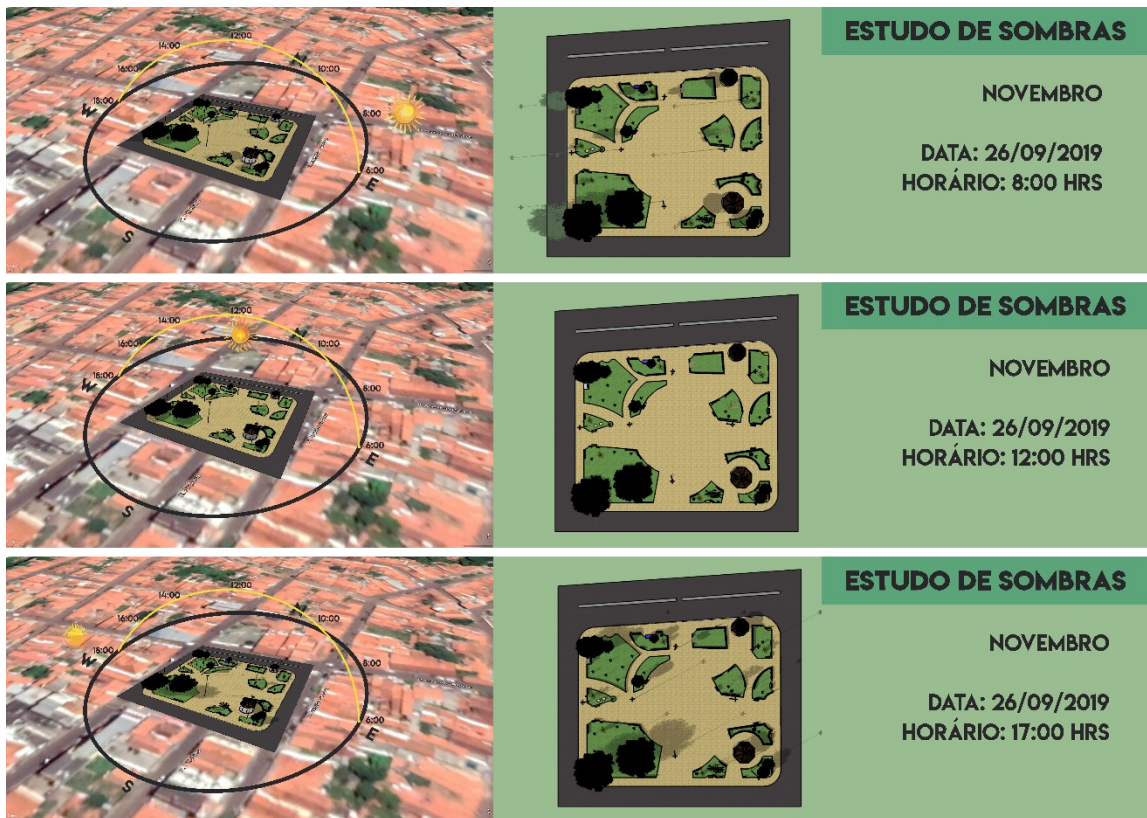
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 41 – Estudo de Sombras (junho)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 42 – Estudo de Sombras (novembro)



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Portanto, é possível observar a necessidade de mais arborização, copas mais altas e longas para sombrear, principalmente, no horário de sol poente. Conclui-se que com esse estudo será possível direcionar a implantação e arborização da praça.

5.4 Diagnóstico da Praça do Jardim

Nesse capítulo serão apresentados os materiais apurados por meio de pesquisa e aplicação de questionário *in loco*, o que nos auxiliará sobre as problemáticas existentes no local, além disso, as informações serão de grande importância para a compreensão da área em estudo e para o desenvolvimento do projeto.

Durante algumas visitas à praça, foi realizado o levantamento físico, fotográfico e também foram observados e analisados os mobiliários da praça e vegetação existente. Com isso, foi elaborado um quadro de dados técnicos (Quadro 03) de modo a apresentar e mostrar as primeiras informações sobre a mesma.

Quadro 03: Dados técnicos da Praça do Jardim.

DADOS TÉCNICOS DA PRAÇA DA CRIANÇA		
NOME:	Praça Zinô Caldeira.	
NOME POPULAR:	Praça do Jardim.	
ÁREA:	4.405,46 m ² .	
PERÍMETRO:	255 metros.	
ENDEREÇO:	Rua Crescêncio Raposo, Rua Maneco Rego, Rua Jeremias Caldeira e Rua Filipinho. Pedreiras - MA	
EQUIPAMENTOS:	QUANTIDADE:	CONDIÇÕES:
PLAYGROUND	NÃO HÁ	BOM () REGULAR () RUIM ().
QUADRA ESPORTIVA	NÃO HÁ	BOM () REGULAR () RUIM ().
BANCOS	12	BOM () REGULAR () RUIM (X).

POSTES	09	BOM () REGULAR () RUIM (X).
RAMPAS	NÃO HÁ	BOM () REGULAR () RUIM ().
ÁRVORES	15	BOM () REGULAR () RUIM (X).
LIXEIRAS	08	BOM () REGULAR () RUIM (X).
ESTACIONAMENTO	NÃO HÁ	BOM () REGULAR () RUIM ().
FONTE/CHAFARIZ	NÃO HÁ	BOM () REGULAR () RUIM ().
BANHEIROS	NÃO HÁ	BOM () REGULAR () RUIM ().

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

O mobiliário urbano é um elemento de vital importância no espaço público, sua presença é capaz de atribuir qualidade e conforto ambiental ao espaço urbano. Porém, na Praça do Jardim, os bancos estão fragilizados por ficarem expostos ao sol e chuva o dia inteiro, a madeira dos bancos está em processo de decomposição já que não recebe sua devida manutenção. A iluminação é insuficiente, deixando alguns pontos da praça mais escuros e ociosos, conseqüentemente aqueles locais se tornam mais inseguros. As lixeiras existentes também são insuficientes, além de não possuírem coleta seletiva, elas também não possuem tampas de vedação causando mal odor por muitas vezes em diversos pontos da praça (Figura 43).

Figura 43 – Lixeira na Praça do Jardim

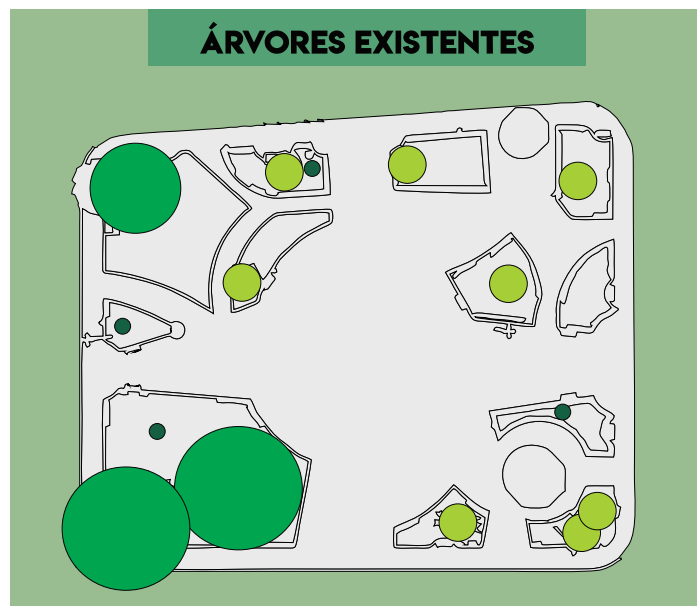


Fonte: Arquivo Pessoal (2020)

A falta de playground faz com que as crianças tenham que improvisar suas brincadeiras e levar brinquedos próprios para uso. A inexistência de uma quadra esportiva obriga as crianças/jovens a praticarem esportes no meio da praça em um piso inapropriado, sujeitos a se machucarem ou causar algum acidente no entorno do espaço.

A quantidade de árvores na praça também é preocupante, são apenas quinze árvores em toda a sua extensão (Figura 44), isso faz com que o local tenha poucas sombras nos períodos da manhã e tarde causando o seu desuso em alguns horários do dia, e também faz com que a praça possua uma temperatura elevada durante a noite resultando no desconforto térmico no local.

Figura 44 – Marcação das árvores existentes na Praça do Jardim.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Além disso, os canteiros da vegetação existente estão em péssimas condições, atingindo diretamente o aspecto visual da praça e tornando alguns pontos propícios a acidentes (Figura 45).

Figura 45 – Canteiros de vegetação arruinados na Praça do Jardim.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na praça não existem rampas de acesso que atendam às exigências das normas brasileiras de rampas acessíveis para todos (NBR 9050), isso torna o espaço inacessível, dificultando a presença de portadores de necessidades físicas no local. A acessibilidade deve garantir a segurança e integridade física de pessoas com mobilidade reduzida, proporcionando o direito de ir e vir, e ainda desfrutar dos mesmos espaços que uma pessoa sem necessidades especiais.

Além disso, o local não possui vagas de estacionamento, fazendo com que os usuários estacionem seus veículos nas vias do entorno da praça e intensificando o fluxo de automóveis nas adjacências em alguns horários do dia, principalmente pela noite, aumentando os riscos de acidente e causando riscos à vida dos pedestres e motoristas.

A inexistência de banheiros públicos faz com que os usuários da praça tenham que recorrer aos banheiros de restaurantes e bares presentes em volta do local, causando dificuldade e constrangimento em algumas pessoas. Por fim, a falta de fonte/chafariz na praça faz com que o local não tenha um elemento capaz de amenizar as elevadas temperaturas climáticas do município de Pedreiras causando

desconforto térmico ambiental aos usuários, além de enfraquecer a identidade do local por não possuir um marco contemplativo em seu espaço.

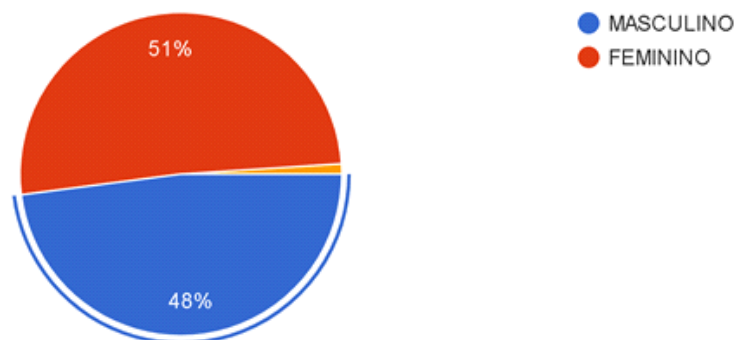
5.5 Programa de Necessidades

Para melhor compreensão do autor em relação às problemáticas, potencialidades e atuais usos do local, foi elaborado um questionário o qual foi aplicado, presencialmente, a 98 pessoas. A partir das aplicações dos questionários, foram desenvolvidos gráficos capazes de auxiliar no entendimento das opiniões de usuários e visitantes da praça em relação aos desejos e necessidades da população para com o projeto, contribuindo assim, na elaboração do programa de necessidades (PN).

Como pode ser observado (Gráfico 01), existe uma certa igualdade de gênero entre os entrevistados, 51% correspondem às pessoas do gênero masculino, 48% ao gênero feminino e 1% à demais gêneros.

Gráfico 01. Gênero dos entrevistados.

QUAL O SEU GÊNERO?
98 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

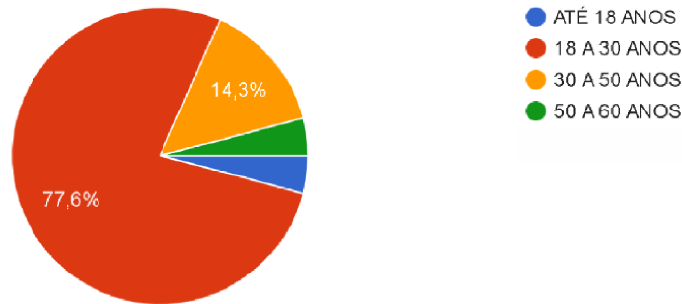
No que tange à faixa etária dos entrevistados, verifica-se que a maior parte, correspondente aos 77,6% diz respeito a pessoas entre 18 e 30 anos (Gráfico 02). O que demonstra que grande parte dos entrevistados são pessoas jovens. Isso faz com que os dados contribuam bastante para definir a implantação da praça, pois a maioria

dos entrevistados representa um grupo de pessoas com idade ativa para a prática de exercícios físicos e outros tipos de usos no local.

Gráfico 02. Idade dos entrevistados.

QUAL A SUA IDADE?

98 respostas



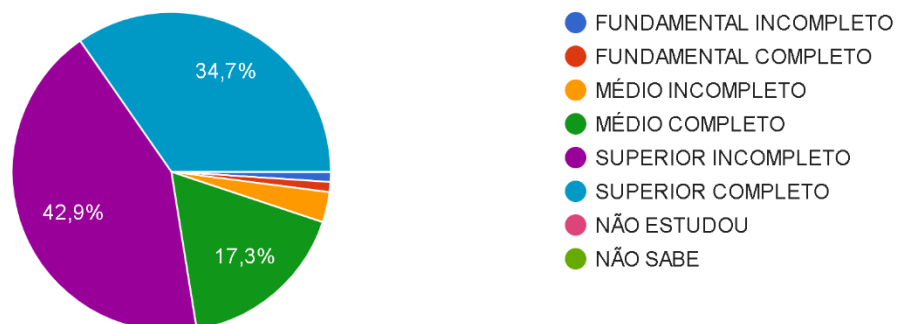
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Analisando o gráfico 03 que corresponde à escolaridade dos entrevistados, percebe-se que os maiores números são de pessoas com ensino superior incompleto (42,9%) ou ensino fundamental incompleto (34,7%), como pode ser observado no gráfico 03. Logo, observa-se que existe uma diversidade de pessoas mais e menos instruídas, fato importante pois a praça integra pessoas de diferentes núcleos educacionais.

Gráfico 03. Grau de Escolaridade dos entrevistados.

QUAL O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?

98 respostas



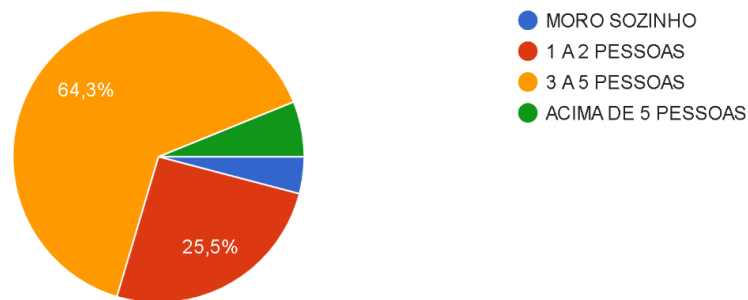
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com relação a quantidade de pessoas que residem com os entrevistados, nota-se que mais da metade dos entrevistados, correspondente aos 64,3%, são pessoas que habitam com 3 a 5 pessoas, em seguida vem os 25,5% relacionados às pessoas que residem com 1 a 2 pessoas na mesma habitação (Gráfico 04).

Gráfico 04. Quantidade de pessoas que moram com os entrevistados.

QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ?

98 respostas



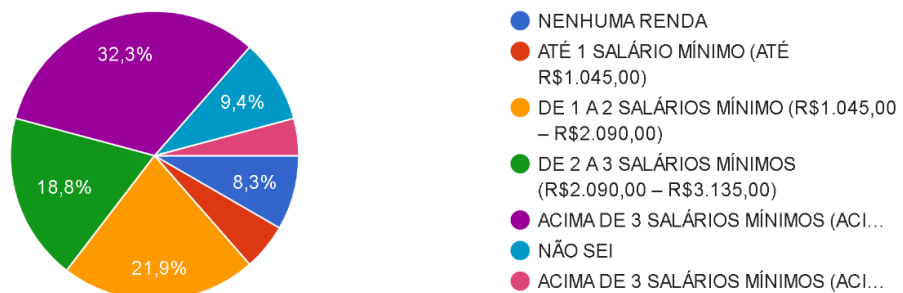
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Se tratando da renda familiar dos entrevistados (Gráfico 05), nota-se que 32,3% correspondem a uma renda acima de 3 salários mínimo, ou seja, acima de R\$3.135,00, em seguida, com 21,9%, vem os entrevistados com renda familiar de 1 a 2 salários mínimos, ou seja, de R\$1.045,00 a R\$2.090,00.

Gráfico 05. Renda Familiar dos entrevistados.

QUAL A RENDA FAMILIAR?

96 respostas



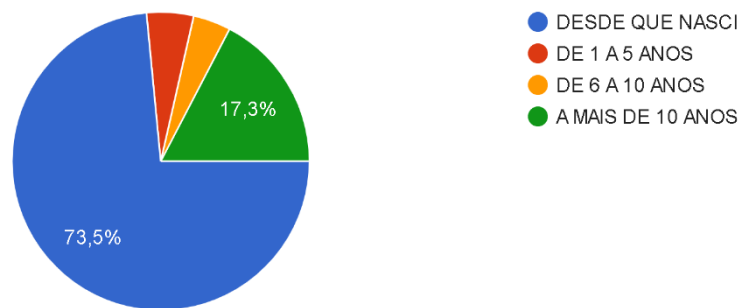
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com relação ao tempo residindo no município de Pedreiras, nota-se que mais da metade dos entrevistados, correspondente aos 73,5%, são pessoas que moram na cidade desde que nasceram em seguida vem os 17,3% relacionados às pessoas com mais de 10 anos residindo na cidade (Gráfico 06).

Gráfico 06. Tempo de moradia dos entrevistados na cidade de Pedreiras.

HÁ QUANTO TEMPO MORA NA CIDADE DE PEDREIRAS-MA?

98 respostas



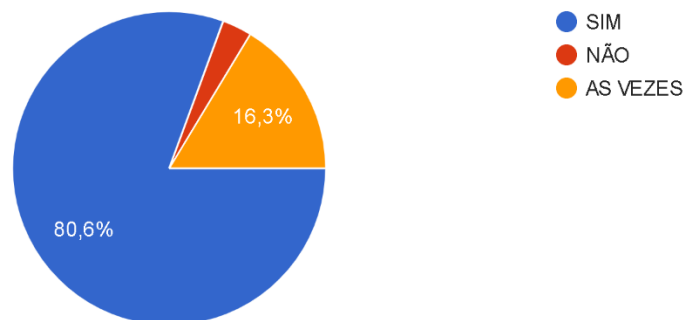
Fonte: Elaborados pelo autor, 2020.

Em relação a frequência de uso da praça por parte dos entrevistados, percebe-se que a maior parte dos entrevistados (80,6%) frequenta a Praça do Jardim, enquanto apenas 3,7% dizem não a frequentar (Gráfico 07).

Gráfico 07. Frequência de uso dos entrevistados à praça.

VOCÊ FREQUENTA A PRAÇA DO JARDIM?

98 respostas



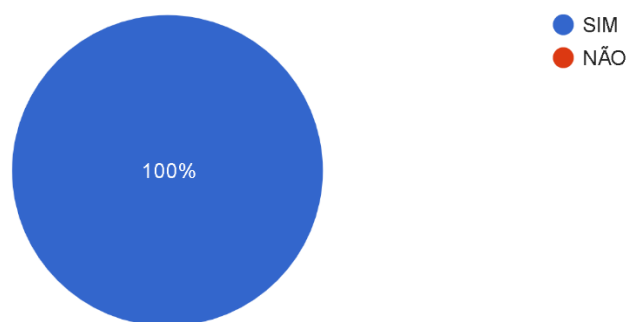
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Com o gráfico de importância da praça para os entrevistados (Gráfico 08), percebe-se que todos os entrevistados (100%) afirmam que a Praça do Jardim é importante para o município de Pedreiras. Isso demonstra que as pessoas reconhecem os benefícios estabelecidos pela existência da praça.

Gráfico 08. Frequência de uso dos entrevistados à praça.

VOCÊ ACHA A PRAÇA DO JARDIM IMPORTANTE PARA A CIDADE?

98 respostas



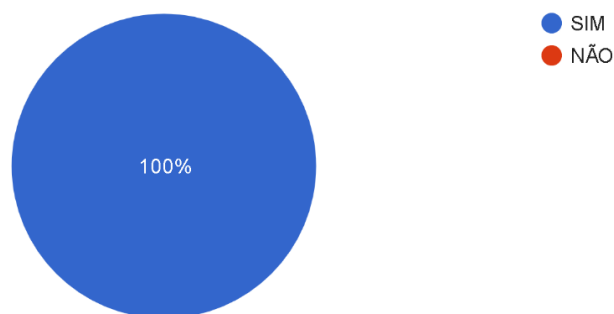
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Por meio do gráfico de benefícios da praça para a cidade (Gráfico 09), percebe-se também que todos os entrevistados (100%) afirmam que a Praça do Jardim gera benefícios ao município de Pedreiras.

Gráfico 09. Importância da praça aos entrevistados

A PRAÇA DO JARDIM TRAZ BENEFÍCIOS PARA A CIDADE?

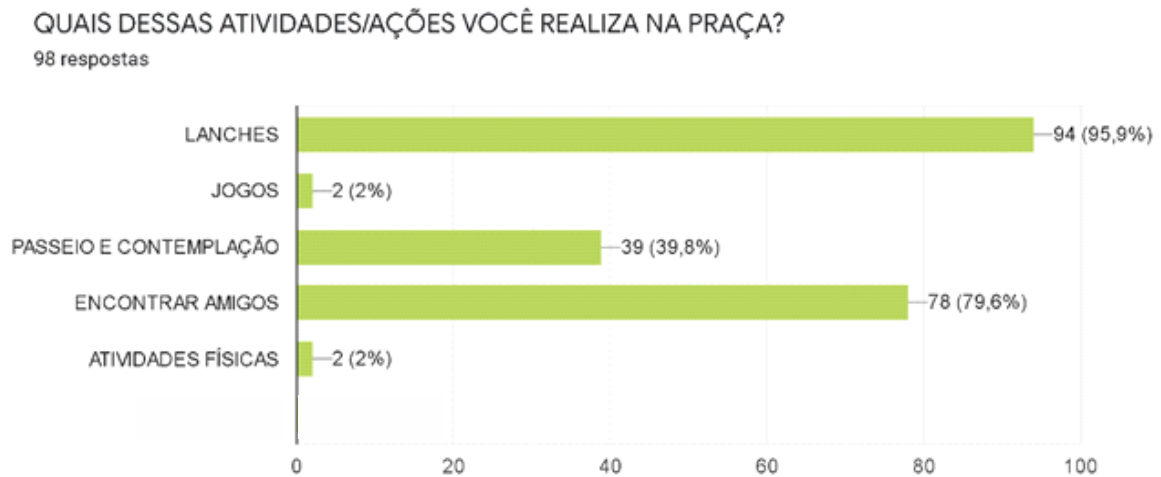
98 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Ao questionar sobre quais atividades/ações os entrevistados praticam na praça, a alimentação e o encontro com amigos foram as práticas mais comentadas. Já a prática de jogos, atividades físicas e passeio/contemplação, foram as atividades menos praticadas pelos entrevistados (Gráfico 10).

Gráfico 10. Atividades/ações praticadas na praça pelos entrevistados.



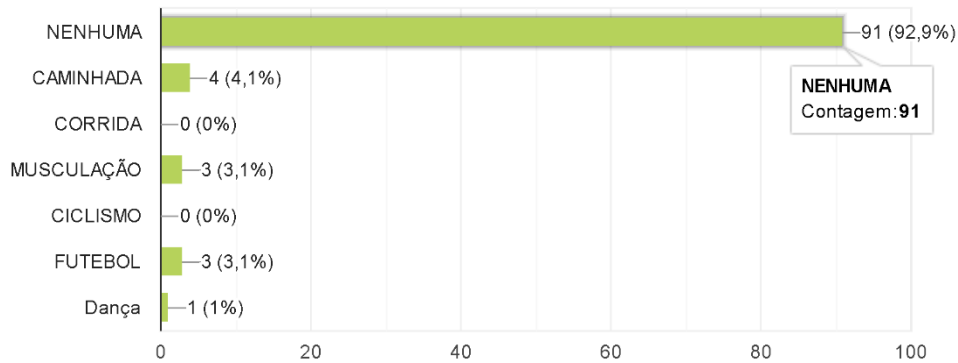
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Em relação ao tipo de atividades físicas que são praticadas na praça (Gráfico 11), a maior parte dos entrevistados correspondente a 95,9% afirma não praticar nenhum tipo de atividade física, e afirmam que o espaço não possui condições propícias para a realização dessas atividades. No entanto, uma minoria afirma praticar caminhada, musculação, futebol e dança na praça, correspondente, respectivamente a 4,1%, 3,1%, 3,1% e 1%, dos entrevistados.

Gráfico 11. Tipos de atividades físicas praticadas na praça pelos entrevistados.

PRÁTICA ALGUMA ATIVIDADE FÍSICA NA PRAÇA?

98 respostas



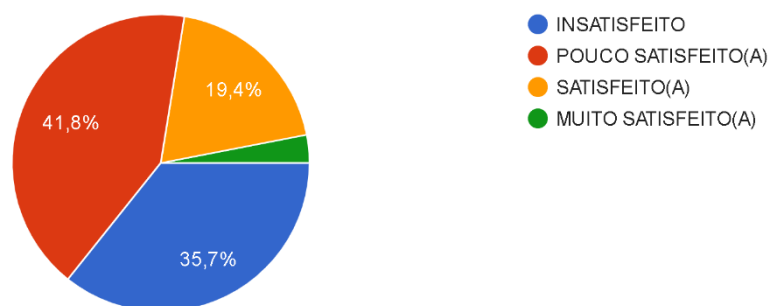
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Se tratando do grau de satisfação dos entrevistados com o lazer na cidade (Gráfico 12), 41,8% se mostram pouco satisfeitos e 35,7% se mostram completamente insatisfeitos. Apenas 19,4% se mostram satisfeitos com o lazer existente na cidade de Pedreiras.

Gráfico 12. Grau de satisfação dos entrevistados com o lazer da cidade.

QUAL O SEU GRAU DE SATISFAÇÃO COM O LAZER NA CIDADE?

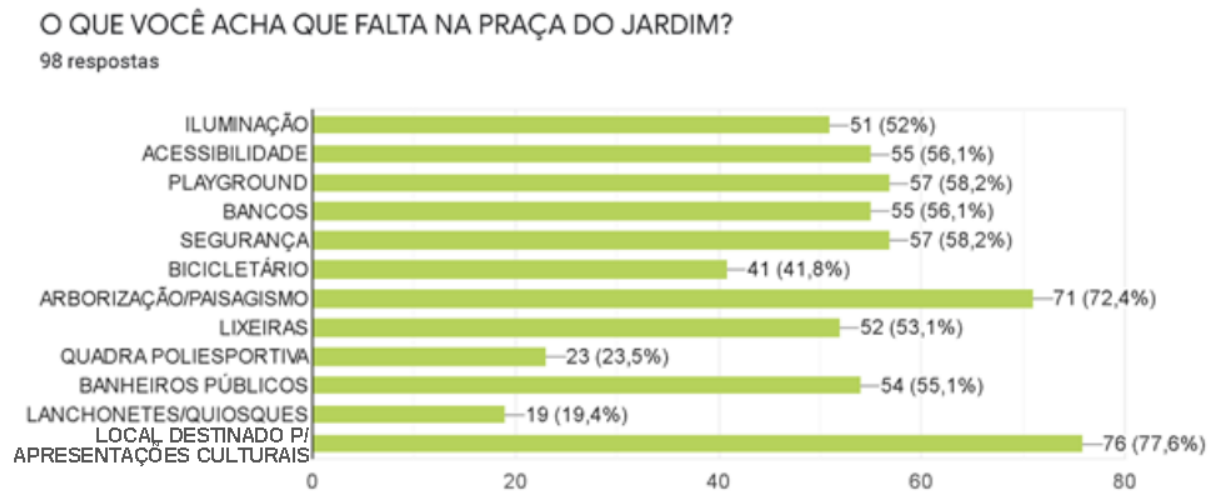
98 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Ao questionar sobre o que os entrevistados acham que falta na Praça do Jardim (Gráfico 13), inúmeros pontos foram discutidos, entre eles destacam-se: local destinado para apresentações culturais (77,6%), arborização/paisagismo (72,4%) e playground (58,2%).

Gráfico 13. O que falta na praça de acordo com os entrevistados.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Após as análises realizadas no local, elaboração de gráficos e diagnóstico, foi desenvolvido um Programa de Necessidades (Quadro 04), onde foram determinados todos os anseios e necessidades da população para com a praça. O PN serve como base para o desenvolvimento do projeto, pois ele é o instrumento que resulta a comunicação entre a população e o autor do projeto, identificando as reais necessidades existentes no espaço estudado.

Quadro 04. Programa de Necessidades

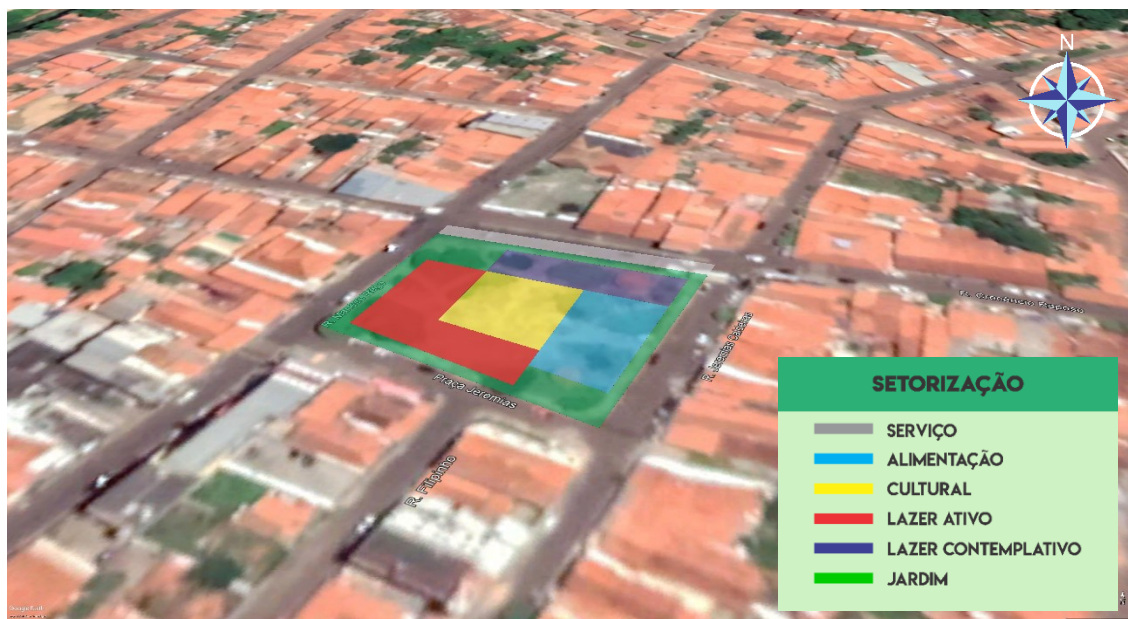
PROGRAMAS DE NECESSIDADES		
SETOR	AMBIENTE	ÁREA MÍNIMA
Cultural	Local para apresentações culturais	120 m ²
Jardim	Arborização/Paisagismo	TP (taxa de permeabilidade)
Lazer Ativo	Playground	150 m ²
	Passeio largos para caminhada	Largura mínima= 1,20 m (NBR 9050)
	Quadra de esportes	250 m ²
	Academia ao ar livre	150 m ²

Lazer Contemplativo	Monumento da pedra grande com espelho d'água	livre
	Área de interação e vivência	livre
Alimentação	Área de alimentação	150 m ²
	Quiosques	8 m ²
Serviços	Banheiros públicos	6m ² (individual)
	Estacionamento	2,5 x 5 m (vaga) 3,4 x 5 m (vaga PNE)
	Bicicletário	12 vagas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Ao definir o programa de necessidades torna-se possível definir com eficiência, a disposição dos setores (Figura 46) buscando manter organização e relação entre os mesmos. O projeto será dividido em seis setores distribuídos de forma estratégica, fazendo com que os usuários se sintam atraídos a conhecer e frequentar aquele espaço.

Figura 46 – Setorização.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O setor cultural será inserido na área central da praça, de forma a ser facilmente visualizado pelos usuários que frequentarem os demais setores, facilitando a interação entre possíveis apresentações/manifestações culturais e o público presente no espaço. Contudo, sua centralidade também servirá como conexão entre os demais setores do local. Além disso, o modelo atual da Praça do Jardim já recebe eventuais apresentações culturais na região central do espaço, porém, de maneira improvisada, sem estrutura permanente, então, essa idéia será mantida na atual proposta.

O jardim será distribuído de forma funcional por toda a extensão da praça, de maneira a amenizar a elevada temperatura existente no município de Pedreiras. Algumas árvores existentes serão mantidas para fortalecer a estratégia de sombreamento e conforto termico ambiental no espaço, e servirão para estruturar os caminhos e passeios dispostos para vincular os setores da praça.

As áreas de lazer ativo serão distribuídas de forma a não causar tanto impacto sonoro e visual aos demais setores da praça, evitando que o barulho incomode principalmente as áreas de lazer contemplativo, alimentação e cultural.

O setor compreendido pelo lazer contemplativo será inserido estrategicamente, criando um ambiente ventilado, sombreado, com belo aspecto visual, e rico em equipamentos urbanos, fazendo com que as pessoas se sintam confortáveis e, cada vez mais, atraídas a usufruir destes locais.

Um monumento aludindo a “Pedra Grande”, cartão postal que originou o título da cidade de Pedreiras, será inserido juntamente com uma fonte de água representando o Rio Mearim, que banha a cidade de Pedreiras. O monumento será introduzido na face da praça que recebe os ventos predominantes na região, fazendo com que a ventilação seja refrescada através da umidificação do ar pelo espelho d’água tornando a praça ainda mais agradável termicamente. A fonte de água também transmitirá tranquilidade e harmonia através do som contagiante da água causando sensação de relaxamento aos usuários.

A área de alimentação será distribuída próxima ao setor cultural e contará com a presença de quiosques com diversos tipos de refeições, atendendo a todos os tipos de gosto e preferência. Além disso, o local escolhido para a área de alimentação será setor mais utilizado atualmente para este tipo de prática na Praça do Jardim.

Por fim, o setor de serviços será inserido de maneira a causar ainda mais comodidade e segurança aos visitantes da praça. O estacionamento servirá para

aliviar os intensos fluxos nas ruas adjacentes à praça causados pelos automóveis que ficam estacionados nas vias. O bicicletário servirá para garantir a segurança dos ciclistas que frequentam a praça, mas não possuem local seguro para deixar suas bicicletas. E os banheiros públicos serão inseridos para evitar que os visitantes do espaço não precisem se sentir constrangidos a utilizar os banheiros dos restaurantes e bares presentes nos arredores da praça.

5.6 Identificação da Legislação Pertinente

O presente trabalho busca atender as diretrizes gerais de política urbana presentes no Plano Diretor do município de Pedreiras, na qual parte do princípio de ordenação e uso do solo, de forma a evitar a deterioração das áreas urbanizadas, poluição e a degradação ambiental. Visto que, a propriedade urbana de Pedreiras cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais da cidade, expressas no Plano Diretor, em que é assegurado o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas (PEDREIRAS, 2006, p. 6).

Além disso, a área de estudo e projeto em questão visa seguir as diretrizes de política urbana das disposições gerais, na qual tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade mediante a execução de atos e empreendimento, garantindo o direito aos seus habitantes de uma cidade sustentável para as presentes e as futuras gerações.

6 ESTUDO PRELIMINAR

6.1 Conceito

Para definir um conceito ao projeto de requalificação é necessário compreender que, a praça “sempre foi celebrada como um espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos” (ROBBA e MACEDO, 2010, p. 15), logo, o conceito para a presente proposta objetiva-se em criar espaços que motivem a população a usufruir do ambiente, garantindo a permanência e a integração social em um local com imenso valor histórico e cultural para o município de Pedreiras.

A vitalidade urbana refere-se à vida em locais públicos abertos, ou seja, locais que permitam encontrar pessoas caminhando, indo e vindo de seus afazeres diários, interagindo, se encontrando, contemplando a paisagem existente, divertindo-se de diversas maneiras e em variados locais, assistindo apresentações culturais, etc. Portanto, a vitalidade pode ser compreendida como alta intensidade, frequência e riqueza de apropriação do espaço público (SABOYA, 2010).

Por ter uma localização privilegiada na área central da cidade e por possuir grande valor histórico para a população pedreirense, busca-se fazer uma alusão histórica e cultural nas tomadas de decisões, como a introdução de um monumento que represente a “Pedra Grande”, como a fonte de água que simbolizará o Rio Mearim, tão importante para a cidade de Pedreiras.

Para propor um espaço público que possua vitalidade aos usuários, serão estabelecidas algumas características fundamentais, tais como: estabelecer múltiplas atividades, a diversidade de usos faz com que as pessoas se sintam atraídas a utilizar aquele local tornando-o mais vivo e seguro; propor diversidade de equipamentos urbanos, pois a variedade de mobiliários e equipamentos faz com que a praça seja frequentada por pessoas de todos os gêneros, idades, classes, etc; inserir arborização e paisagismo, pois a existência de área verde na paisagem urbana causa mais vivacidade, além de contribuir para o conforto térmico ambiental, proporcionar mais tranquilidade, e tornar o local mais agradável a seus frequentadores; e, por fim, mas não menos importante, estabelecer um espaço público acessível, pois a acessibilidade torna a praça um local universal, atendendo a necessidade de todos e

fazendo com que o espaço seja frequentado igualmente por qualquer pessoa, independentemente das suas limitações físicas.

Atualmente, a Praça do Jardim enfrenta um processo de degradação, com mobiliários arruinados, necessidade de melhoria no sistema de infraestrutura urbana, segurança pública, áreas destinadas a prática de esportes, falta de acessibilidade, ausência de estacionamentos, banheiros públicos, local para apresentações e manifestações culturais, necessidade de estruturas de sombreamento, etc. Portanto, a proposta será formalizada no intuito de permitir que a praça tenha vitalidade urbana, com alta intensidade, frequência e riqueza de apropriação por parte da população. De acordo com Cullen (2008), o que proporciona vitalidade e animação ao espaço é a diversidade e multiplicidade de usos e atividades, promovendo assim diferentes sentimentos e emoções aos usuários.

6.2 Implantação Geral

A planta de implantação exhibe o projeto como um todo, mostrando seus setores apresentados anteriormente com as áreas, níveis, indicação de cortes, mobiliário e vegetação, entre outras informações que permitirão maior compreensão sobre o projeto (Figura 47).

Figura 47 – Planta de Implantação.

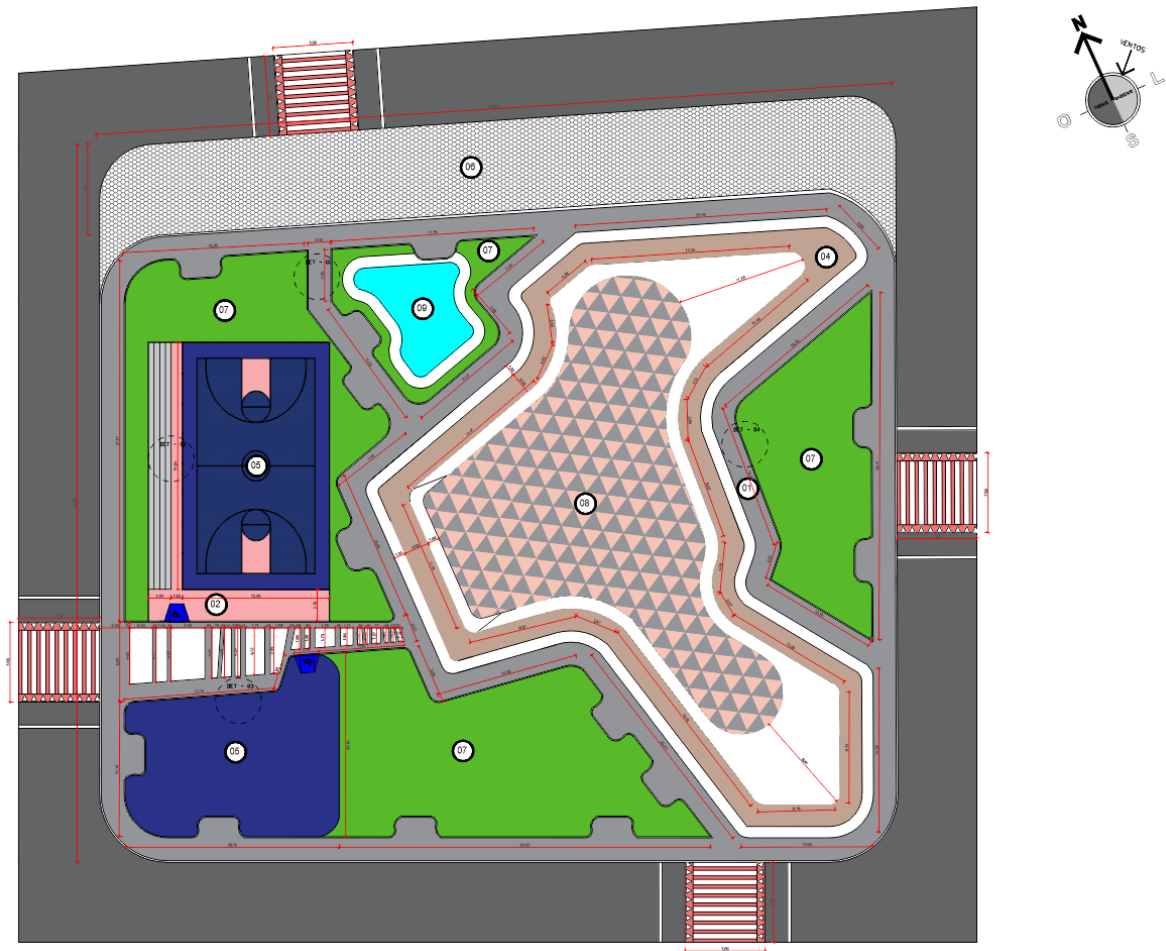


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.3 Paginação do Piso

Como pode ser observado na Planta de Paginação do Piso (Figura 48), a praça de alimentação possuirá uma paginação de piso com formas curvas, e com mosaicos na parte central do piso. Essa paginação será com piso cimentado usinado nas cores: rosa terroso, branco, marrom e cinza, pois essa mescla forma um aspecto visual belo e agradável, e resulta numa combinação entre cores neutras e pastéis, proporcionando experiência de imersão nos sentimentos mais apaziguadores.

Figura 48 – Planta de Paginação do Piso



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Na área do playground, será utilizada como piso, a grama bermuda (Figura 49), pois é uma ótima alternativa para esses espaços já que é resistente ao pisoteio e se regenera rapidamente, possui uma cor bem viva e é macia, o que torna ideal, pois estará em um setor destinado ao público infantil. Vale destacar que ao optar pela utilização dessa grama, será ampliada a área permeável do projeto, beneficiando também o meio ambiente.

Figura 49 – Grama Bermuda

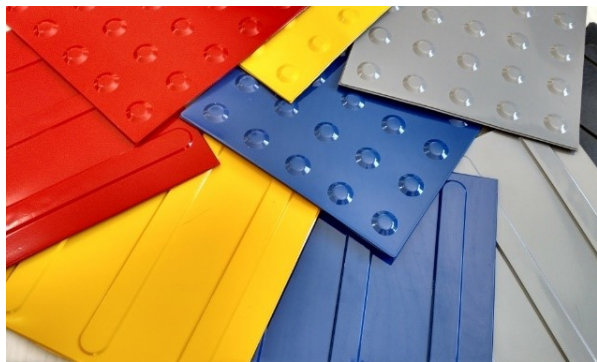


Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/344384702740524473/>

No ambiente destinado a academia ao ar livre, o piso será cimentado com tinta epóxi na cor azul, que permitirá destacar o espaço servindo assim de indicação e limite daquele local.

De forma a possibilitar o uso da praça universal, propõe-se a instalação de rampas e piso tátil direcional e de alerta (Figura 50) direcionando até o mapa tátil (Figura 51), pois com isso será possível que as pessoas com necessidades especiais (PNE) utilizem a praça com segurança e conforto.

Figura 50 – Piso Tátil



Fonte:

<https://totalacessibilidade.com.br/produto/piso-tatil-brasil-pvc-alerta-direcional/>

Figura 51 – Mapa Tátil



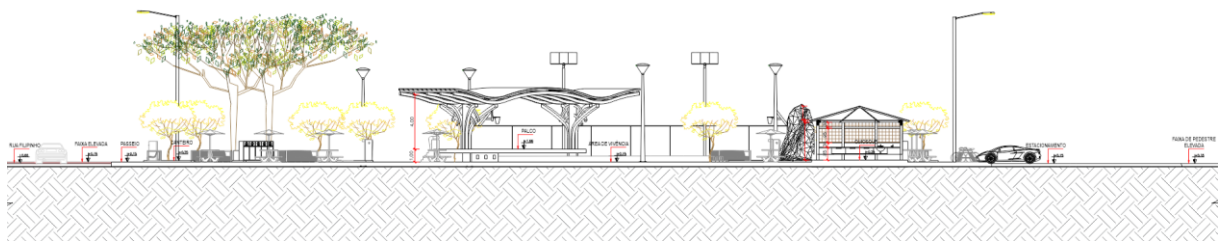
Fonte:

http://joinvilleacessivel.blogspot.com/2012/03/lo-rem-ipsam-dolor-sit-amet-consectetur_06.html

6.4 Cortes Esquemáticos

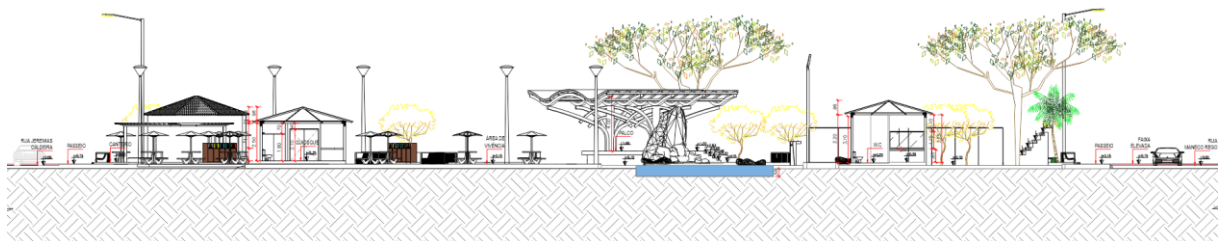
Para a melhor compreensão sobre o projeto, entendendo os setores com seus mobiliários e níveis, foram elaborados cortes esquemáticos, sendo um transversal (Figura 52) e um longitudinal (Figura 53).

Figura 52 – Corte Esquemático AA.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 53 – Corte Esquemático BB.

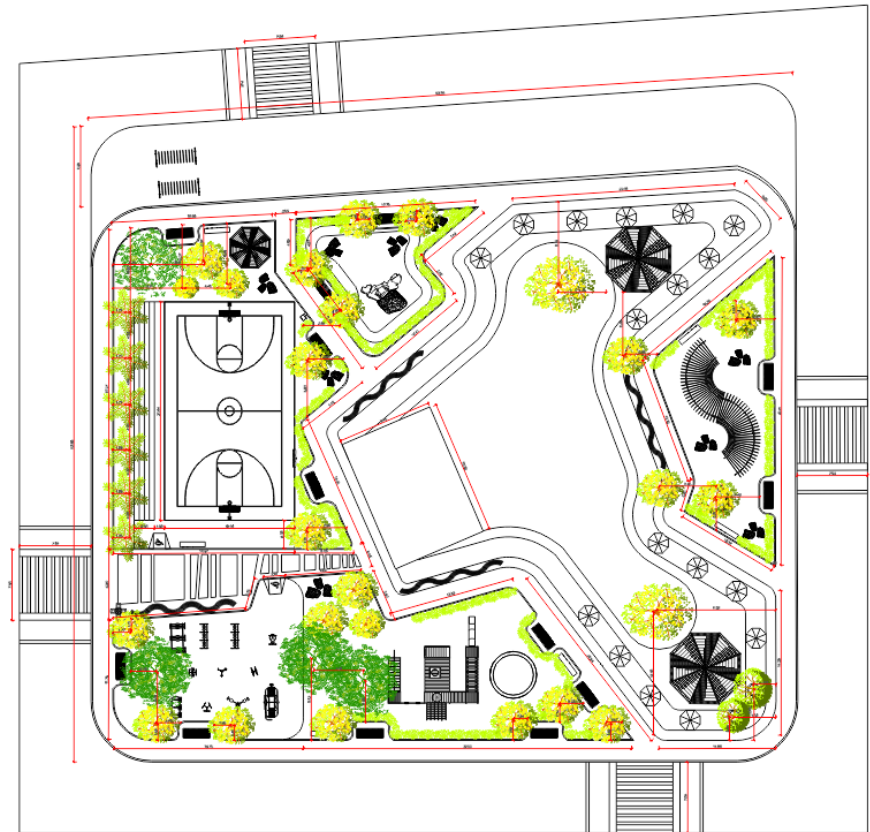


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.5 Planta de arborização/vegetação

No que diz respeito à vegetação (Figura 54), além de serem mantidas as árvores existentes, serão introduzidas mais árvores de pequeno, médio e grande porte, como Chapéu-de-Sol (*Terminalia Catappa*) - (Figura 55), Cássia do Nordeste (*Cassia Macranthera*) - (Figura 56) e Palmeira Fênix (*Phoenix Dactylifera*) - (Figura 57), além de arbustos Pingo de Ouro (*Duranta Repens 'Aurea'*) - (Figura 58).

Figura 54 – Planta de Arborização/Vegetação.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 55 – Chapéu-de-Sol (*Terminalia Catappa*).



Fonte:

<https://www.maisperuipe.com.br/2019/06/chapeu-de-sol-sombra-alimento-e-remedio/>

Figura 56 – Cássia do Nordeste (*Cassia Macranthera*).



Fonte: <https://www.sitiodamata.com.br/cassia-do-nordeste-senna-espectabilis>

Figura 57 – Palmeira Fênix (*Phoenix Dactylifera*)



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/553520610432454992/>

Figura 58 – Arbustos Pingo de Ouro (*Duranta Repens 'Aurea'*)



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/553520610432454992/>

De forma a aumentar a área permeável do projeto, propõe-se que sejam criados canteiros com forração de grama bermuda espalhados por toda a extensão da praça, servindo também para estruturar a paginação dos pisos. Com isso, a área permeável com a implantação da grama bermuda resulta num total de 1.267,34m². Essa proposta de canteiros com árvores e arbustos acompanhando a paginação de piso, está ligada à existência de vegetação nas margens do Rio Mearim (Figura 59).

Figura 59 – Vegetação nas margens do Rio Mearim, em Pedreiras - MA

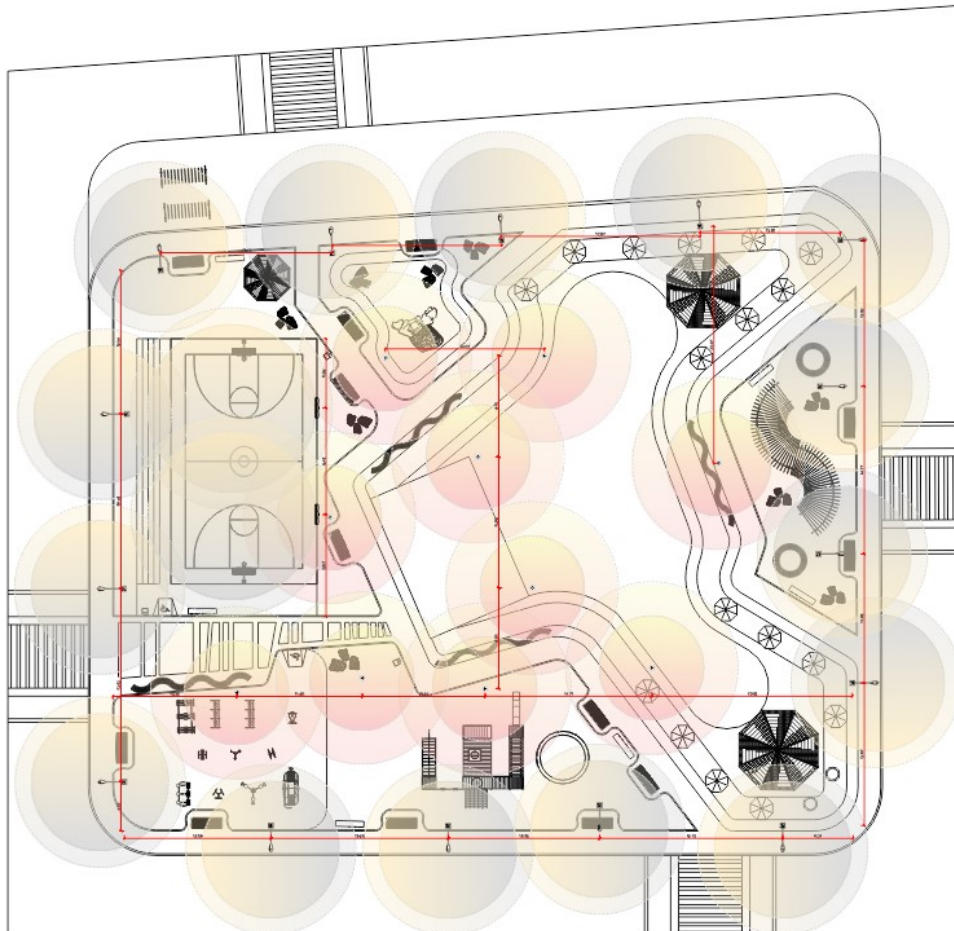
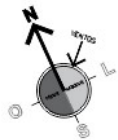


Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/86272149083596668/>

6.6 Planta de iluminação

A planta de iluminação (Figura 60) está associada ao momento criativo do projeto, pois o uso adequado das luzes, artificiais ou naturais, ajuda a revelar detalhes do ambiente no decorrer do dia quando a luz se modifica. A iluminação bem utilizada proporciona bem estar. Portanto, foram delimitados os tipos de postes de iluminação e lâmpadas que serão utilizadas na praça, e também foi possível identificar a quantidade ideal de lâmpadas necessária pra proporcionar bem estar aos frequentadores. Além disso, a iluminação adequada assegura mais segurança ao local no período noturno.

Figura 60 – Planta de Iluminação



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

6.7 Mobiliários Urbanos

Nesse tópico serão apresentados os mobiliários propostos para o projeto, como mesas, bancos, lixeiras, brinquedos e equipamentos da academia ao ar livre, entre outras informações que permitirão maior compreensão sobre os mobiliários urbanos do estudo preliminar.

O projeto conta com uma boa disposição de mobiliário, estando todos de acordo com as necessidades e usos de cada setor. Propõe-se que em todos os setores sejam instaladas lixeiras seletivas (Figura 61), de modo a incentivar o descarte dos lixos em local apropriado, além de estimular e facilitar a possível reciclagem dos mesmos.

Figura 61– Lixeira Seletiva



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Como parte do mobiliário urbano da praça, sugere-se a instalação de mesas fixas de madeira com ombrelone (Figura 62) como estrutura de sombreamento que servirá para amenizar a elevada temperatura onde está inserido, no setor de

alimentação, onde as pessoas poderão sentar para lanchar, conversar e contemplar o local.

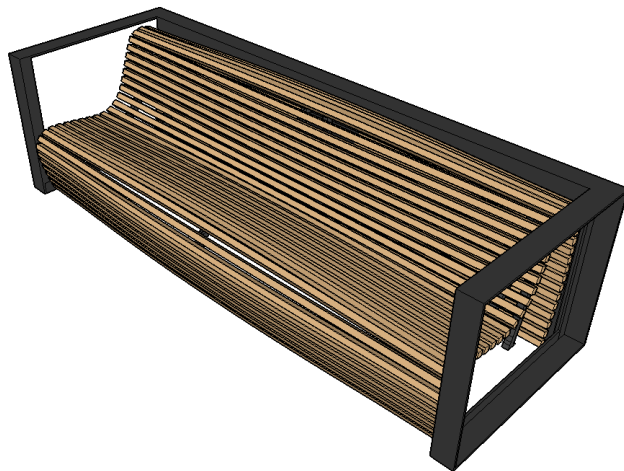
Figura 62 – Mesa fixa com ombrelone



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

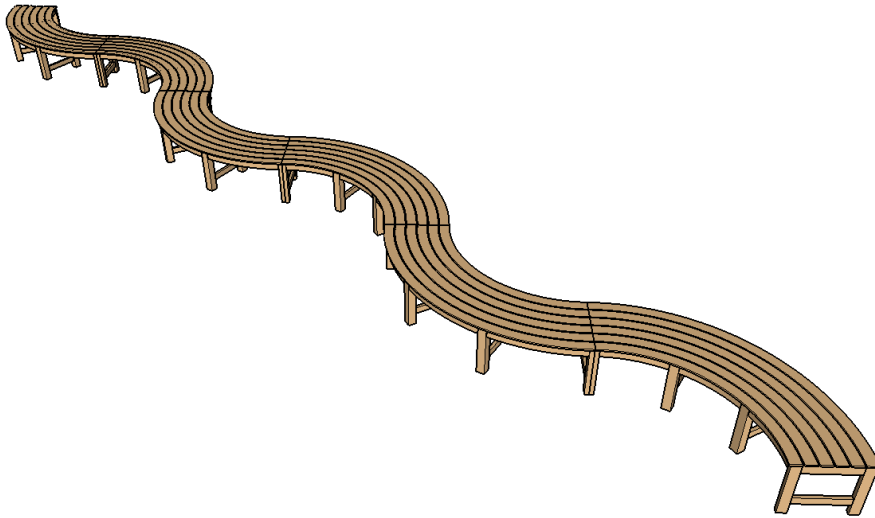
Como forma de proporcionar certo conforto e delicadeza, propõe-se o uso diferentes tipos de bancos e mesas de madeira (Figuras 63 a 65), onde os visitantes poderão sentar-se para conversar, jogar ou mesmo relaxar. Propõe-se também que esses bancos sejam distribuídos por toda a praça, buscando oferecer lugares de descanso durante o passeio.

Figura 63 – Banco Principal (Modelo I)



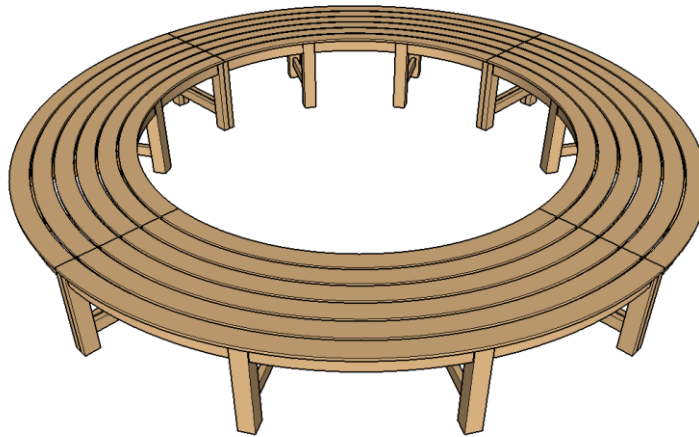
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 64 – Banco Curvo Extenso (Modelo II)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

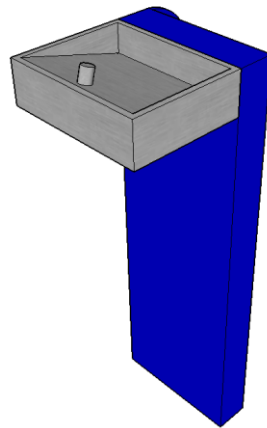
Figura 65 – Banco Circular (Modelo III)



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Para hidratar os frequentadores da praça, principalmente os praticantes de lazer ativo, serão instalados bebedouros (Figura 66) em pontos estratégicos para que as pessoas possam manter a disposição e render mais na prática de seus exercícios. Além disso, o bebedouro possuirá duas opções para a retirada de água, o mesmo poderá beber diretamente na torneira do tipo jato que jorra água para cima, ou poderá encher sua garrafa/copo na torneira tipo copo que despeja água para baixo, favorecendo a higiene e o uso também das pessoas que levarem suas garrafas para realizar suas atividades físicas na praça.

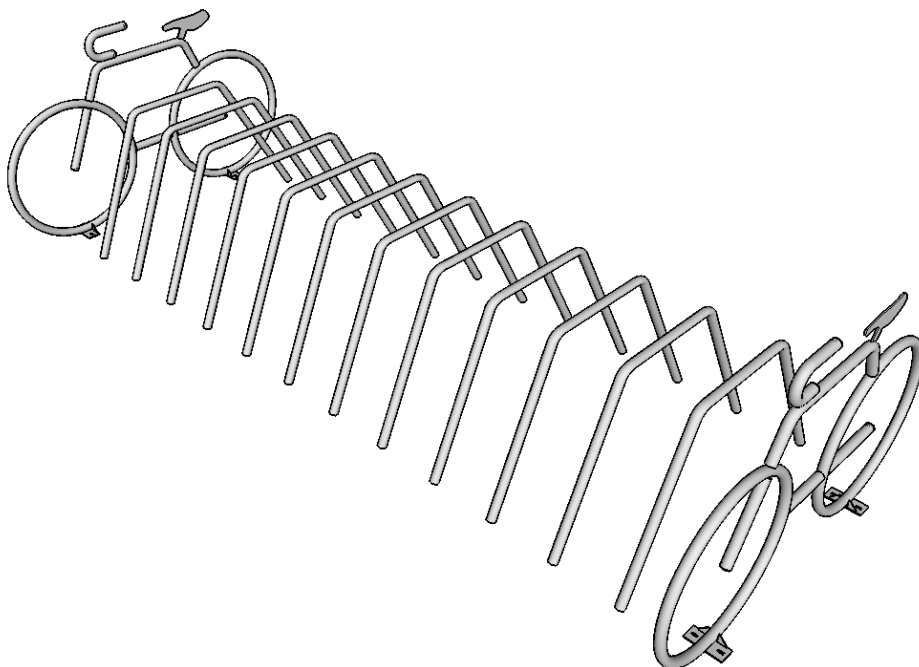
Figura 66 – Bebedouro



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Buscando atender as necessidades encontradas no diagnóstico e incentivar o uso de bicicletas, serão dispostos bicicletários (Figura 67) em diversos setores como no setor atividade física e convívio, com isso os visitantes poderão guardar suas bicicletas próximas de si e de forma segura.

Figura 67 – Bicicletário



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

De modo a incentivar a prática de atividades físicas, sugere-se que sejam instalados equipamentos no setor de atividades físicas, proporcionando uma academia ao ar livre de acesso a todos (Figura 68). Além desse setor, a pista de caminhada e corrida, busca oferecer mais um espaço com fim esportivo.

Figura 68 – Academia ao Ar Livre



Fonte: <http://fortaleza.ce.gov.br>, 2018.

Será disponibilizado também o setor de playground, o qual contará com forração de grama bermuda, pois é macia e resistente ao pisoteio e diversos brinquedos distribuídos por toda sua extensão (Figura 69).

Figura 69 – Brinquedos do Playground

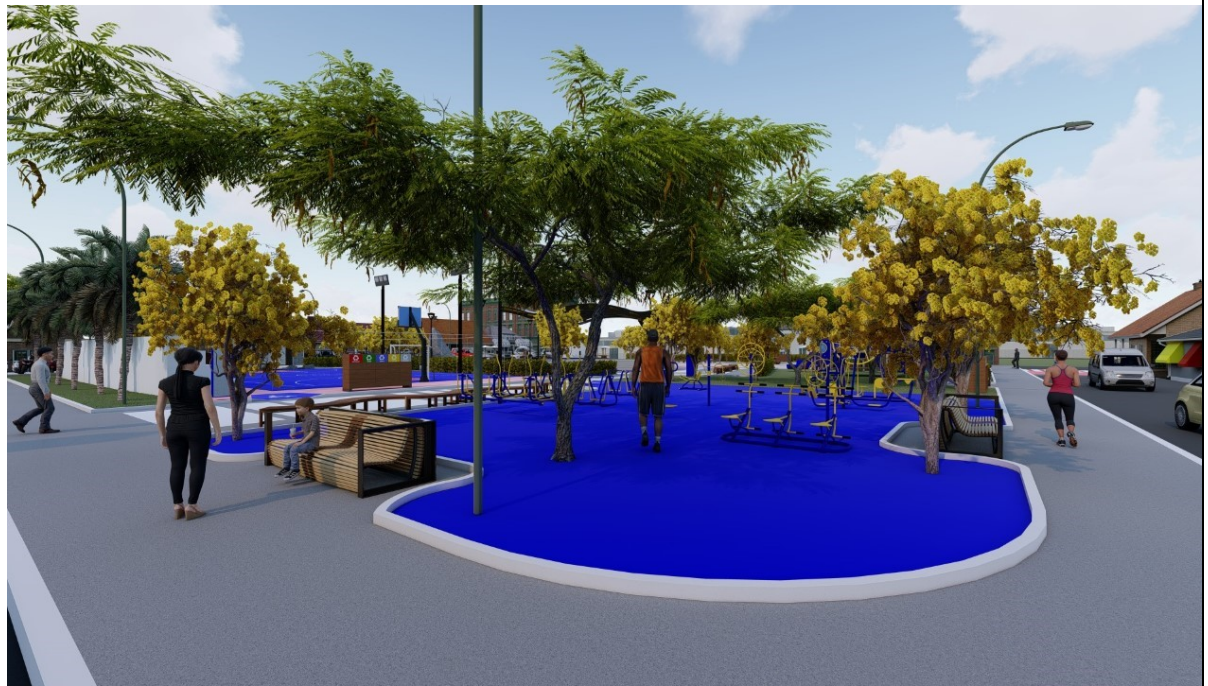


Fonte: <https://www.kaskamadeira.com.br/produtos/playgrounds-tora-eucalipto-tratado-balanco-gangorra-parquinhos/>

6.8 Perspectivas

Serão apresentadas neste tópico, imagens da proposta de Requalificação da Praça do Jardim, em Pedreiras – MA (Figuras 70 a 79).

Figura 70 – Perspectiva I



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 71 – Perspectiva II



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 72 – Perspectiva III



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 73 – Perspectiva IV



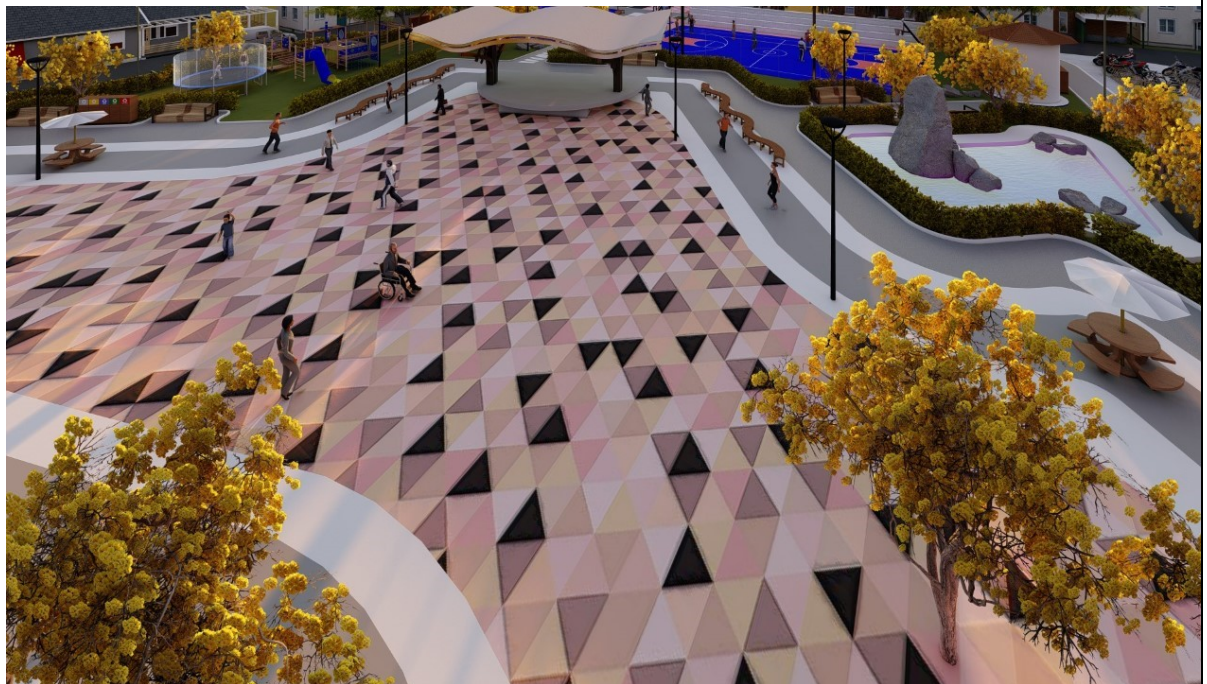
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 74 – Perspectiva V



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 75 – Perspectiva VI



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 76 – Perspectiva VII



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 77 – Perspectiva VIII



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 78 – Perspectiva IX



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Figura 79 – Perspectiva X



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

7 CONCLUSÃO

A requalificação foi utilizada como ponto norteador do estudo preliminar, pois compreende técnicas de recuperação de espaços públicos. Além disso, é também o que melhor se adequa ao objetivo do trabalho, que visa melhorar a qualidade urbana e tornar atrativa, essa área que atualmente está degradada. Além disso, a vivacidade foi determinada como conceito do presente estudo preliminar no intuito de criar espaços que motivem a população a usufruir do ambiente, garantindo a permanência e a integração social em um local com imenso valor histórico e cultural para o município de Pedreiras.

Discutiu-se sobre os espaços públicos da cidade, em especial as praças e seus significados para o município e sua população, com isso pôde-se perceber a importância de cada uma delas para a cidade. A requalificação busca recuperar as áreas degradadas e torna-las novamente atraente ao lazer e diversão. As áreas degradadas e subutilizadas influenciam na má impressão das cidades e estão cada vez mais propícias à marginalização, sendo por meio da melhoria desses espaços (seja por requalificação, reabilitação ou revitalização, entre outros) que se consegue diminuir o número das mesmas.

O Planejamento Urbano garante que essas intervenções possam ser praticadas e com isso transformar espaços degradados em lugares atrativos, seguros, belos e utilizados, o que melhora não só a cidade, como também a qualidade de vida de seus habitantes. Como é o caso da Praça do Jardim, que tem grandes qualidades, mas que está a cada dia mais degradada e desvalorizada, com isso, todos estão perdendo a oportunidade de ter em sua cidade uma praça pública funcional e bela.

Considerando as diversas vantagens da Requalificação Urbana, fez-se necessário o uso da mesma como solução da problemática encontrada, para que assim, através dela a praça possa se tornar um importante ponto turístico da cidade, repleto de benefícios e qualidade.

Vale lembrar que a praça está em uma área de grande fluxo, próximo a restaurantes, comércios e instituições, por exemplo, o que influencia o seu uso e a torna um ambiente de passagem. A requalificação deu valor a esse ambiente, favorecendo a sociabilidade e economia, além de melhorar a qualidade de vida da população, entre outros benefícios. Com isso pôde-se perceber a importância que tem o estudo e análises das pesquisas de campo, pois através delas foi possível conhecer

as necessidades e desejos da população, o que contribuiu para a elaboração do programa de necessidades.

Analisando outros projetos de Requalificação Urbana, bem como os projetos mencionados no estudo de referência, pôde-se perceber que esse processo trás diversos benefícios ao local que foi implantando, favorecendo não só o ambiente, como também a cidade e sua população.

Desta forma, a Requalificação Urbana da Praça do Jardim poderá atuar positivamente para o desenvolvimento da melhoria da qualidade de vida da população pedreirense, uma vez que a ausência de espaços públicos com qualidade induz à população a utilizar locais privados e isso influencia cada vez mais o abandono das praças, tornando-as inseguras e subutilizadas.

Por fim, com a requalificação urbana da praça é possível tornar o local em um ambiente seguro, cheio de vida, tranquilo, com bom fluxo de pessoas e conseqüentemente gerador de serviços e renda. Com isso, o presente trabalho de conclusão de curso assegura a relevância de se valorizar os espaços públicos nas cidades, mostrando a imposição de serem espaços com qualidade, diversidade de usos, e propiciando a qualidade de vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Paula. **Reflexões sobre o espaço público atual**. In: LIMA, Evelyn Furquim Werneck; MALEQUE, Miria Roseira. Espaço e Cidade: conceitos e leituras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 42-56.
- ALMEIDA, J. R., Marques; T., Moraes, F. E. R., Bernardo, J. (1999). **Planejamento ambiental: caminho para a participação popular e gestão ambiental para o nosso futuro comum – uma necessidade, um desafio (2ª ed.)**. Rio de Janeiro: Thex Ed.
- BRANDÃO, Z. **O papel do desenho urbano no planejamento estratégico: a nova postura do arquiteto no plano urbano contemporâneo**, 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.025/773>. Acesso em 20 set. 2020.
- BRYSON, John. **Strategic planning for public and nonprofit organizations: a guide to strengthening and sustaining organizational achievement**. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.
- ASCHER, François. **Metapolis acerca do futuro das cidades**. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- CEDRU, **Valorização de Lisboa - VALIS**, CEDRU, Lisboa, 1990.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1 ed. Lisboa: Ed. Edições 70, 2008. 202 p.
- CUNHA, Clovis; LYRA, Ana Paula R.; SANTANA, Elaine C. S. **Fragmento Negligenciado da Paisagem Urbana Revisitado em uma Abordagem Reversa às Janelas Quebradas**. In: Ana Paula Rabello Lyra, Michelly Ramos de Angelo; Simone Chabudee Pyrlo, Viviane Mazine Rodrigues. (Org). Um olhar multidisciplinar sobre as violências. 1 ed. Florianópolis: Insular, 2016, v. 1.
- FERRARI, Celson. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo
- FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. **Plural de cidade: léxicos e culturas urbanas**. G. C. Gráfica de Coimbra, LTDA. setembro, 2009.
- FREIRE, R. A. **Densidade e diversidade: as dimensões de compacidade urbana**. Dissertação de mestrado – UNICAMP. Campinas, SP: [s.n.], 2014.
- GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013
- GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. **Novos espaços urbanos**. Barcelona, Espanha: Edição em português editorial Gustavo Gili, SA, 2002. 263p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOITIA, F. C. **Breve História do Urbanismo**. Editorial Presença: Lisboa, 2006.

GUERRA, Isabel, et. Al. 2005. **Políticas públicas de revitalização urbana**: reflexão para a formulação estratégica e operacional das actuações a concretizar no qren. Observatório do QCAIII. 2005. p. 190.

HAUGHTON, G.; HUNTER, C. **Sustainable cities**. Londres: Jessica Kingsley, 1994.

IBGE. Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico. **Cidades – Maranhão**: Pedreiras. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pedreiras/panorama>. Acesso em: 14 set. 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KAUFMAN, J; JACOBS, H. **A public planning perspective on strategic planning**. Journal of the American Planning Association, 1987.

KRIER, R. (1975), **Stadtraum in Theorie und Praxis** (K. Elmer, Stuttgart).

LEITÃO, Lucia. **As praças que a Gente tem, as Praças que a Gente Quer. Manual de Procedimentos para Intervenções em Praças**. Editora Prefeitura de Recife, Recife, 2002.

Lei Complementar Nº 13, de 17 de outubro de 2006: **Plano Diretor do município de Pedreiras, Estado do Maranhão**. Pedreiras, 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARICATO, Ermínia. Brasil, cidades. **Alternativas para a crise urbana**. São Paulo: Vozes, 2001.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo. Melhoramentos/ Edusp. Ed. Universidade de São Paulo, 1980.

MASCARÓ, J. J; MASCARÓ, L.; **Densidades, ambiência e infra-estrutura urbana**, 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.017/842>. Acesso em 03 de jan. 2017.

MELA, Alfredo. **A sociologia das cidades**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

MENDES, Luís. **A regeneração urbana na política de cidades**: inflexão entre o fordismo e o pós fordismo. ©URBE | vol 5 | no 01 | jan./jun. 2013.

MOREIRA, Graça. **Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos**. Revista Artitextos nº 5. Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. dezembro 2007.

Moreira, G. 2007. **Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos**. Revista Artitextos nº 5. Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. 2007.

Moura, D., I. Guerra, J. Seixas & M.J. Freitas (2006). "**A Revitalização Urbana**- Contributos para a Definição de um Conceito Operativo". pp. 15-34 [s.l.] Centro de Estudos Territoriais.

NBR 9050. **Norma Brasileira de Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência às Edificações, Espaço Mobiliário e Equipamentos Urbanos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas. BAGATIN, Vilson.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques Infantis de São Paulo: Lazer Como Expressão de Cidadania**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002. p. 11-70.

PEIXOTO, Paulo. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio (Org.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Edições Almedina AS, 2009.

PORTAS, Nuno. **Notas sobre a Intervenção na cidade existente**. Espaço & Debates, ANO VI, 1986, n. 17, p.94-104.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/ 1720)**. São Paulo: EDUSP, 1968.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**. São Paulo: EDUSP. [S.1: s. n], 2002. F.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

ROGERS, R; GUMUCHDJIAN, P. **Cities for a small planet**. Faber and Faber Limited, Londres, 2001.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira; VOGEL, Arno (Coord.). **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3ª Ed. São Paulo: Projeto, 1985.

NETTO, Vinícius M.; SABOYA, Renato T. **A urgência do planejamento**. A revisão dos instrumentos normativos de ocupação urbana. Arqtextos, São Paulo, ano 11, n. 125.02, Vitruvius, out. 2010. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/10.125/3624>. Acesso em: 14 out. 2020.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhy C. **Cidade, cultura e urbanidade**. Org – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002, 416p.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ana Marina Ribeiro. **Requalificação Urbana**, O exemplo da intervenção Polis em Leiria. Dissertação de Mestrado em Geografia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, p. 174.

SITTE, Camillo. **A Construção de Cidades Segundo Princípios Artísticos**. Trad. Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. **Revitalização**. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/D A F/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

SPECK, Jeff. **Cidade Caminhável**. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux: 2012.

SOUSA, Luciana; LOPES, Leila; SILVA, Gilcéllo. **História Local: Pedreiras, Ma, Ontem e Hoje!** Pedreiras, MA. 2017. 113 p. Disponível: < <https://www.passeidireto.com/arquivo/45219340/pedreiras-ma-ontem-e-hoje-historia-local>>. Acesso em: 14 set. 2020.

TIESDEL, Steven; TANER, c; HEATH, Tim. **Revitalizing Historic Urban Quarters**. Oxford: Butterworth – Heinemann, 1996. Pág.02-04.

TOLEDO, F. S.; SANTOS, Douglas G. **Espaços livres de construção**. Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana, v. 3, n. 1, Piracicaba, p. 73-91, mar/2008. p. 73-91.

WEIMER, A. and HOYT, H. **Real Estate**. New York: Ronald Press, sixth edition, 1966.

APÉNDICE